
Vidas além do porto





Expediente

REDAÇÃO

Giovanna Pegoraro

REVISÃO

Mariana de Souza Viel

FOTOGRAFIAS

Giovanna Pegoraro

Acervo Portonave

DIAGRAMAÇÃO E

PROJETO GRÁFICO

Gabriela Fantini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pegoraro, Giovanna
Vidas além do Porto [livro eletrônico] /
Giovanna Pegoraro. -- 1. ed. -- Tubarão, SC :
Ed. da Autora, 2025.

PDF

ISBN 978-65-01-25995-6

1. Histórias de vidas 2. Livro-reportagem
3. Portoanve S/A - Terminais Portuários de
Navegantes - História 4. Portos - Brasil -
História 5. Relatos pessoais 6. Trajetória
pessoal de vida I. Título.

24-242933

CDD-070.433

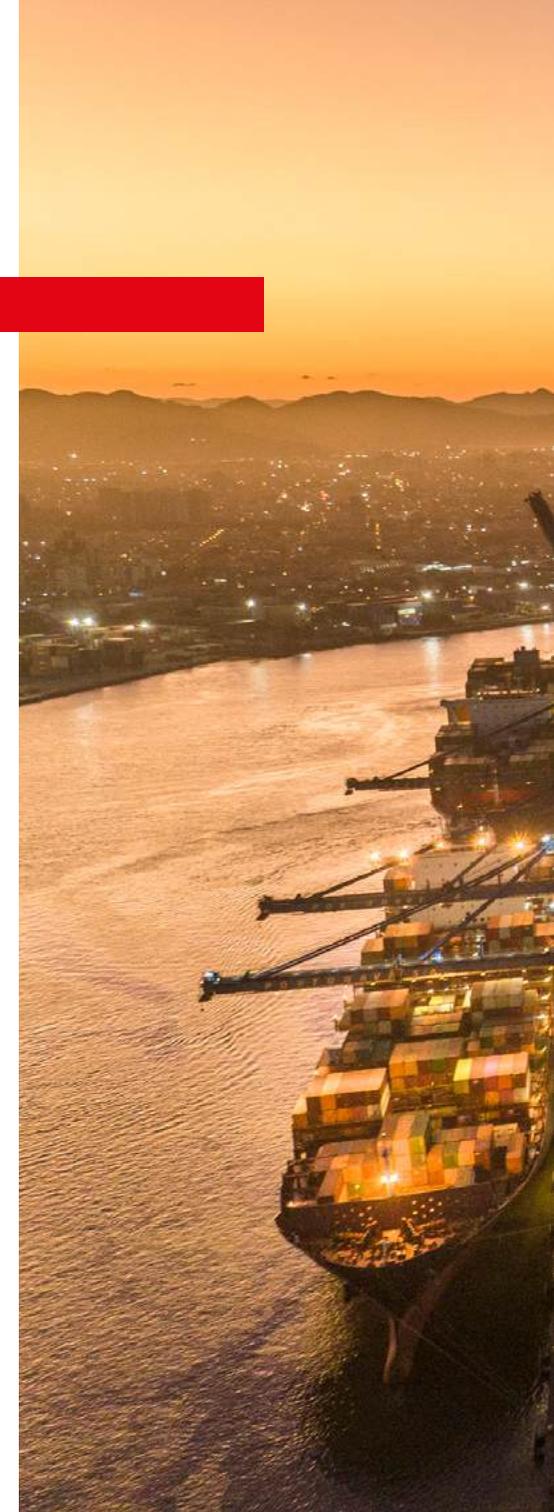
Índices para catálogo sistemático:

1. Livro-reportagem : Jornalismo 070.433

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



 **PORTONAVE**





Agradecimentos

Gostaria de expressar minha gratidão a todos que, no dia a dia, me inspiram a buscar o meu melhor, especialmente à minha família e aos colegas de trabalho pelo apoio e incentivo.

Agradeço aos profissionais entrevistados para a elaboração deste livro, principalmente pela atenção, disponibilidade e por se abrirem para que este material fosse realizado.

Obrigada aos professores do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Vocês foram essenciais para o meu crescimento, especialmente a Prof^a Vera Lucia Sommer, orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de livro-reportagem.

Agradeço também a você, caro leitor, por embarcar nesta leitura.



Sobre a Portonave

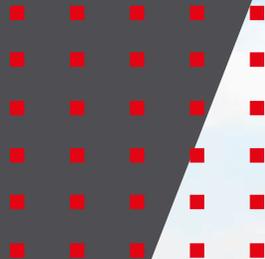
A Portonave é o primeiro terminal portuário privado do Brasil e sua acionista é a empresa suíça Terminal Investment Limited (TIL), com mais de 70 terminais em 31 países em seu portfólio. A Companhia foi estruturada a partir de um projeto *greenfield*, ou seja, a partir do zero em Navegantes, na região do Vale do Itajaí, Santa Catarina. Desde o início das operações, em outubro de 2007, se destaca pelo pioneirismo, pela excelência e eficiência na movimentação de contêineres e na adoção de práticas sustentáveis.

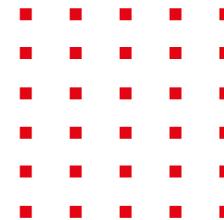
Está entre os três terminais portuários com a maior movimentação de contêineres no Brasil e possui a melhor produtividade de navio no país, de acordo com dados da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), em 2024. Do início das operações até 2024, já movimentou cerca de 13 milhões de TEUs (unidade de medida equivalente a 20 pés).

A Companhia é alinhada aos compromissos estabelecidos em sua estratégia ESG (Meio ambiente, Social e Governança) e à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Em prol da descarbonização e competitividade, realiza investimentos constantes em sua infraestrutura. Em 2024, iniciou a Obra do Cais, investimento privado de R\$ 1 bilhão para receber navios maiores, de até 400 m de comprimento.

No âmbito social, por meio do Instituto Portonave, desenvolve e incentiva ações e projetos para impulsionar o desenvolvimento das comunidades nas quais está inserida e apoia a transformação positiva dos territórios com foco na redução das desigualdades sociais. Em 2023, 172 mil pessoas foram impactadas em 40 iniciativas apoiadas e realizadas.

Desde a estruturação, impulsionou o município de Navegantes a subir oito posições no ranking do PIB de Santa Catarina, o que destaca a relevância da relação porto-cidade e seus impactos positivos. A cidade é o 15º maior PIB do estado, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2021. Antes do início das operações da Portonave, em 2006, cerca de 50 mil habitantes residiam no município. Em 2022, o número subiu para 86 mil moradores, segundo o IBGE. Além dos números absolutos, a estruturação do Terminal na cidade impactou diretamente as oportunidades locais, o que transformou a vida de diversas pessoas.





Carta da Autora

Desde a infância, ouço sobre a Portonave, em Navegantes, um terminal portuário que movimenta contêineres e gera oportunidades na região do Vale do Itajaí. Hoje, percebo a importância desta empresa, muito além da economia, para pessoas que estão envolvidas direta e indiretamente.

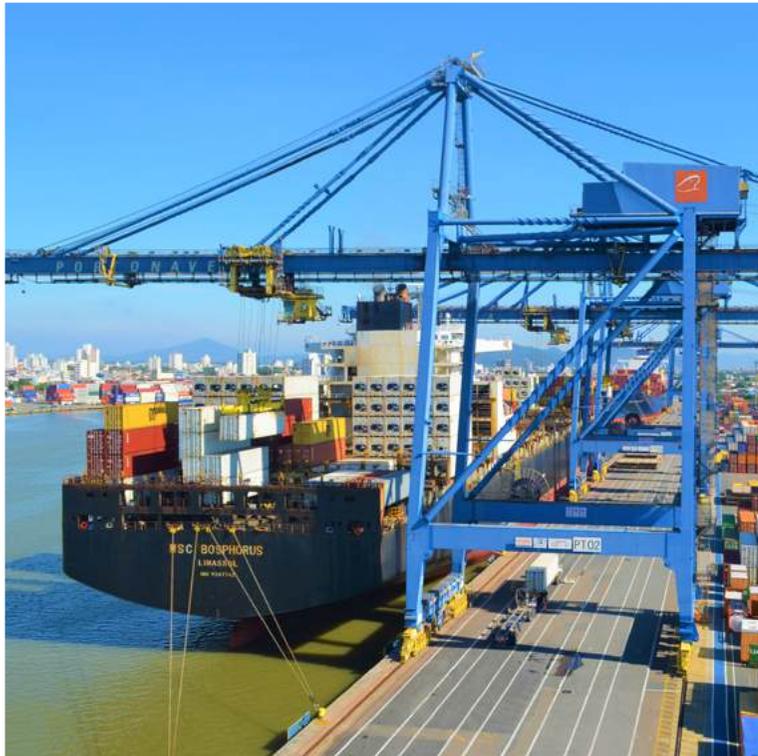
Este livro reúne histórias de seis profissionais – Ana, Fritznel, Letícia, Silmara, Marcelo e Castilho – apuradas de agosto a outubro de 2023. São pessoas que tiveram suas trajetórias mudadas e superaram as dificuldades. Foi um prazer conhecer esses relatos fantásticos.

No entanto, são apenas algumas perspectivas, mas há tantas outras. Afinal, mais de 1,2 mil profissionais trabalham diretamente na Companhia. Tenho certeza de que cada um deles, assim como aqueles que já estiveram na empresa, possuem experiências marcantes. Este livro-reportagem, intitulado de “Vidas além do Porto”, busca homenageá-las.

Sinto-me realizada ao poder dar voz aos trabalhadores portuários do município de Navegantes. Afinal, me tornei jornalista com o propósito de conhecer e contar histórias. Espero que este livro inspire você, independente de onde for, seja da Portonave, morador da região, cliente ou do segmento portuário, mas que queira conhecer esta história, de gente que vive aqui, gente como nós, que batalha todos os dias.

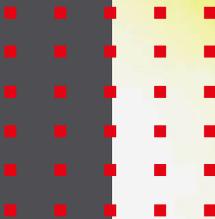
OBSERVAÇÃO:

Antes da leitura, é importante informar que, ao longo das histórias, há seções divididas com o título “POV”, o que traduzido significa “Ponto de Vista” (Point of View, em inglês), ou seja, são textos baseados em minha perspectiva em cada momento, como descrições dos ambientes ou sentimentos pessoais. É uma forma do leitor conhecer como as entrevistas foram feitas, se aproximar e sentir as realidades narradas por meio do meu ponto de vista. Também, ao final deste livro, está disponível um glossário para consulta sobre termos do segmento portuário mencionados no material.



Sumário

PRÓLOGO	10
CAPÍTULO 1 EM BAIXAS TEMPERATURAS	12
CAPÍTULO 2 (RE) COMEÇO DE UM REFUGIADO	30
CAPÍTULO 3 MULHER E PORTUÁRIA	42
CAPÍTULO 4 MÃE DE PRIMEIRA VIAGEM	60
CAPÍTULO 5 TESTEMUNHOS DE UM OPERADOR	78
CAPÍTULO 6 PRELÚDIO DE UM SONHO	96
EPÍLOGO MOVIMENTAMOS MAIS DO QUE CONTÊINERES	112
GLOSSÁRIO	114
ENTREVISTADOS	116
REFERÊNCIAS	117



PRÓLOGO

*Sou a
Portonave*

*Um movimento, dois e três.
E, assim, repito, sucessivamente, todos os dias, sem parar.*

*Diferentes cores compõem o meu todo.
Sejam nos contêineres, nos grandes equipamentos ou nas águas do Rio Itajaí-Açu.
Amarelo, azul, branco, magenta, laranja, verde e vermelho.
Um arco-íris dividido em inúmeros pedaços.*

*O amanhecer e o entardecer são belos.
Por um instante, meus trabalhadores param e contemplam o nascer e o pôr do sol.
O sol é uma dádiva da terra.
Os raios refletem o meu Eu pelo rio.
Me fazem recordar da aparência vasta, dos grandes navios que aqui atracam e trazem cargas de vários cantos do mundo.
O soar dos navios pronuncia a chegada de mais serviço.
As buzinas ecoam pelo centro da cidade e anunciam a economia e o sustento de muitos.*

*À noite, a lua e as estrelas aparecem e acolhem os que permanecem em mim.
O rio escuro ganha vida com os pontos de luz emitidos pelo meu maquinário.
Enquanto a cidade fica em silêncio, aqui tudo continua.
Gente falando, o apito dos equipamentos e até mesmo os grilos em meu jardim.*

*Ainda sou jovem, mas muitos já passaram por mim.
Dengo-dengos, peixeiros, barrigas-verdes e pessoas de todo o mundo afora.
Gente de todos os tipos.
Pessoas batalhadoras, as que estão se descobrindo, os recém-chegados e dentre tantos outros.*

*Os movimentos realizados em meu pátio de operação são um passo importante na vida de centenas e até milhares.
Pessoas que sonham com um futuro melhor.
Tenhamos orgulho de cada operação aqui realizada, de cada profissional que acorda com o propósito de fazer parte desta história.
Sou suspeito para falar, mas que trajetória encantadora essa minha!*

EM BAIXAS TEMPERATURAS

ANA PAULA MARTINS





A praticidade dos dias atuais torna a vida mais conveniente e eficiente. Você quer uma batatinha frita? Basta ir a um mercado próximo e lá ela estará, embalada e pronta ao consumo. Não só a batata, assim como diversos produtos congelados – carnes bovinas, frangos, suínos e vegetais. Mas quem está por trás do processo da garantia da segurança e qualidade desses produtos nas câmaras frigoríficas antes de chegar ao consumidor final? Uma delas é a Ana Paula Martins de Souza, de 34 anos, que faz parte da equipe do Programa de Garantia de Qualidade (PGQ) da Icept, câmara frigorífica da Portonave, onde produtos congelados são armazenados.

Ao chegar, ela se direciona até o vestiário feminino, local em que troca suas roupas por Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) apropriados para baixas temperaturas, como blusa de manga longa, calças, touca, podendo ser descartável ou de tecido, sapatos resistentes ao frio, e, semanalmente, higienizados. É uma medida realizada com objetivo de assegurar a integridade dos alimentos, assim como a saúde dos profissionais.

Outra regra é a proibição do uso de adornos, como anéis, brincos e colares, que devem ser guardados no armário disponível nos vestiários. Os profissionais da Operação da Icept também não podem usar esmaltes, maquiagens ou perfumes, pois estes podem contaminar os produtos.

Corredor de acesso à barreira sanitária da Iceport

POV

Por ter visitado a câmara outras vezes, ainda em casa, lembrei de não pôr brinco, colar ou relógio para facilitar minha entrada. Também não passei maquiagem ou perfume. Coloquei uma camisa manga longa pelo frio. Ao chegar, me dirigi ao vestiário, onde nos encontramos. Ana me deu duas chaves de armário, uma para poder pegar os EPIs e outra para guardar meus objetos pessoais.

Ao colocar a blusa e calça térmica, chegou a vez dos sapatos. Agora sim, estava com os pés protegidos e quentes. Apenas me esqueci de trazer um amarrador de cabelo, sempre falta algo. No entanto, Ana estava preparada e me emprestou um dos seus. De cabelo amarrado, vesti uma toquinha branca descartável. Enfim, estava pronta para acessar a antecâmara.

Enquanto eu levei cerca de 20 minutos me arrumando, ela, a depender do dia, se ajeita em três minutos, o que me fez pensar sobre o quanto está habituada àquela rotina.

Reparei, que, no corredor de acesso à câmara, pouco antes da barreira sanitária, há diversas frases motivacionais dispostas em placas nas paredes. É uma forma acolhedora de receber os profissionais em mais um dia de expediente.





Limpeza das solas dos sapatos na barreira sanitária

Ao sair do vestiário, há uma barreira sanitária. Nela, é realizada a limpeza das solas dos sapatos e das mãos. Rapidamente, as solas são limpas. Já para lavar as mãos, utilizam-se os joelhos, pressionando um pequeno botão localizado abaixo de uma pia. Ao lado, há secadores de mão muito potentes acionados por meio de sensores de movimento. Após os cuidados, o que separa Ana e os demais profissionais da barreira até a antecâmara é uma porta automática.



Pia e torneira da barreira sanitária da Iceport

A antecâmara é o local em que os profissionais realizam a entrada ou saída de palletes com produtos aos caminhões. As cargas são movimentadas pelos operadores de transpaleteira e empilhadeira em uma dança sincronizada. Os equipamentos se movimentam pra lá e pra cá em uma precisão de movimentos. É hipnotizante assistir. No ambiente, a temperatura fica entre 0°C a 15°C.

A sala da equipe do PGQ fica na antecâmara, onde a temperatura é ambiente, de 21°C. Apesar disso, nem sempre Ana se encontra ali. O trabalho como Analista de Qualidade é em todas as áreas. Existem dois armazéns: o convencional, onde as cargas são colocadas de forma manual, por meio de empilhadeiras; e a automatizada, em que esteiras rolantes levam as cargas em palletes da antecâmara à câmara. Por vezes, precisa-se realizar inspeções no local e dura cerca de uma hora, mais do que isso não é permitido pela segurança dos profissionais.



Entrada da câmara convencional da Iceport

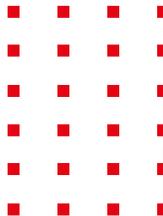
POV

Com o tempo, fica perceptível o quanto o corpo sente a mudança no local. Além disso, é possível ouvir de fundo o barulho contínuo da refrigeração.

Para sentir ainda mais o frio que a câmara pode chegar, ela abriu uma das portas da câmara convencional. Em instantes, o ar gélido saiu e tomou conta do meu corpo, principalmente do meu peito. Nunca havia visto o ambiente de pertinho, e, curiosa, perguntei se poderia entrar.

Me explicou que, infelizmente, não, pois precisaria estar com os EPIs adequados ao local, ou seja, com os seguintes itens térmicos: calça, jaqueta, luva, meia e botas, além de balaclava, indicados em uma placa próxima à entrada.

Grande parte da nossa conversa foi na sala do PGQ. Sua mesa é a mais distante e está dividida por uma parede transparente e uma porta, pois, em alguns momentos, precisa de silêncio para participar de reuniões.





Apesar das baixas temperaturas, Ana está habituada. Utiliza cremes hidratantes a fim de manter a pele saudável. No início, ficou com receio por ter crises de sinusite frequentes. No entanto, trabalhar na antecâmara significa se abster de certos hábitos, principalmente, quando se é mulher. No dia a dia, sente falta das unhas pintadas. Às sextas, faz as unhas e, aos domingos à noite, retira o esmalte. Durante a semana, quando tem algum compromisso, utiliza unhas postiças.

Em 2016, pouco antes de entrar na Icept, realizou um de seus maiores sonhos: ser mãe. O pequeno Arthur nasceu para alegrá-la e ser sua virada de chave. Antes do nascimento, trabalhava como Técnica de Segurança em uma fábrica de produtos químicos em Itajaí, mas, até o menino completar um ano, se dedicou a ele.

A rotina como Técnica de Segurança era cansativa, por este motivo, quando se sentiu preparada para retornar ao mercado de trabalho, procurou novas áreas de atuação. Enviou currículos a várias empresas, uma delas, a Icept. Já conhecia a Portonave pela influência do negócio na região e também por seu marido, o Mairton.

Ela foi chamada para uma entrevista, e até deixou de ir numa outra agendada no mesmo dia, em uma fábrica de montagem de interiores automotivos da região. Após uma semana, recebeu um telefonema e teve as expectativas frustradas. A vaga, para a qual havia se inscrito, na Célula de Entrada e Saída (CES) de caminhões da Icept, fora preenchida internamente.

No entanto, André Koch, atual Supervisor de Logística da Icept, informou que seu currículo ficaria em um banco e, caso alguma nova vaga surgisse, seria reconsiderada. Porém, Ana perdeu a esperança e estava chateada. Em uma semana, porém, o telefone tocou para uma nova oportunidade de entrevista noutra vaga. Aceitou a proposta, ainda surpresa pelo rápido retorno.



Por fim, foi contratada no Programa de Garantia da Qualidade (PGQ). Atualmente, a equipe do PGQ conta com sete profissionais responsáveis pelo monitoramento das cargas armazenadas na câmara, desde a medição da temperatura, verificação da carga, averiguação de documentos sanitários, entre outras atividades com finalidade de garantir a integridade dos produtos.

Sua rotina começa cedo, não na empresa, mas na academia. Acorda às 6h e vai malhar. Está focada nos exercícios físicos e controla a alimentação. Ao retornar, dá um cheirinho no filho Arthur, de 7 anos, e começa a preparar o café da manhã. Enquanto está fora, conta com o suporte da mãe Suzana e do pai Edemir, além dos irmãos Maráisa e Matheus. Arthur faz escolinha de futebol e a família ajuda a levá-lo e buscá-lo.

“A minha família é sensacional e agradeço por ter esta base tão sólida.”

Os pais moram em frente a sua casa, o que facilita ainda mais a aproximação entre avós e neto. O pai é pintor e, por este motivo, nem sempre está em casa. Suzana é quem oferece suporte e atende os pedidos de Arthur. De vez em quando, vem animado e com brilho no olhar ao pedir: “Vó, faz aquele saguzinho que só você sabe fazer?”. E, prontamente, com carinho, lá vai ela fazer a sobremesa.

POV

Em algum momento de nossas jornadas, houve ou não alguém lá, com uma mão estendida quando mais precisávamos. Ter uma família por perto, principalmente quando se é pai e mãe, é aliviante. Nos dias atuais, tanto homens quanto mulheres estão no mercado de trabalho e ficam longas horas fora de casa e longe dos filhos, demais familiares e bichinhos de estimação.

Segundo a pesquisa do Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades (Made) da Universidade de São Paulo (USP), cerca de 11 milhões de mulheres ficaram fora da força de trabalho em 2022 para cuidar dos filhos e da casa, apesar de desejarem estar no mercado. Muitas mulheres deixam de realizar os seus objetivos no âmbito profissional, assim como as empresas perdem talentos.

Por vezes, a responsabilidade com os filhos recai mais sobre as mães, seja para preparar a comida, vestir ou oferecer amor e carinho, e ainda trabalhar em uma empresa. Apesar de ser um momento lindo, pode ser desgastante se o peso estiver apenas em um dos lados. Ambos os pais devem estar presentes, e é importante ter uma rede de apoio. Se não houver familiares próximos, também pode ser composta por amigos queridos.



ICEPORT



ENTRADA



10

KM/H



Por ser moradora no Centro de Navegantes, Ana vai ao trabalho a pé ou de bicicleta. É o único momento que aproveita para ver os raios de sol durante o dia. Por trabalhar das 9h às 19h na câmara, raramente está fora do local e quando sai, a lua vislumbra no céu. Então, as manhãs são sagradas e fonte de vítima D. Além da ausência de sol, ela perde a noção do tempo, principalmente das condições climáticas.

Sua rotina é bastante produtiva, o que se justifica pelas auditorias de clientes e órgãos intervenientes, como do Serviço de Inspeção Federal e Ministério da Agricultura e o Abastecimento. Muitas são surpresas, sem uma data definida, e Ana é responsável em fazer essa ponte, entre receber as autoridades e participar das reuniões sobre certificações da Iceport, como a ISO 9001 (Sistema de Gestão da Qualidade) da International Organization for Standardization (ISO), em português, Organização Internacional para Padronização, entre outras, como a norma FSSC 22000, de Segurança de Alimentos, conquistada em outubro de 2023. Ela contribuiu muito no estabelecimento da cultura de excelência na Iceport, aprendendo com paciência a lidar com pessoas diferentes.

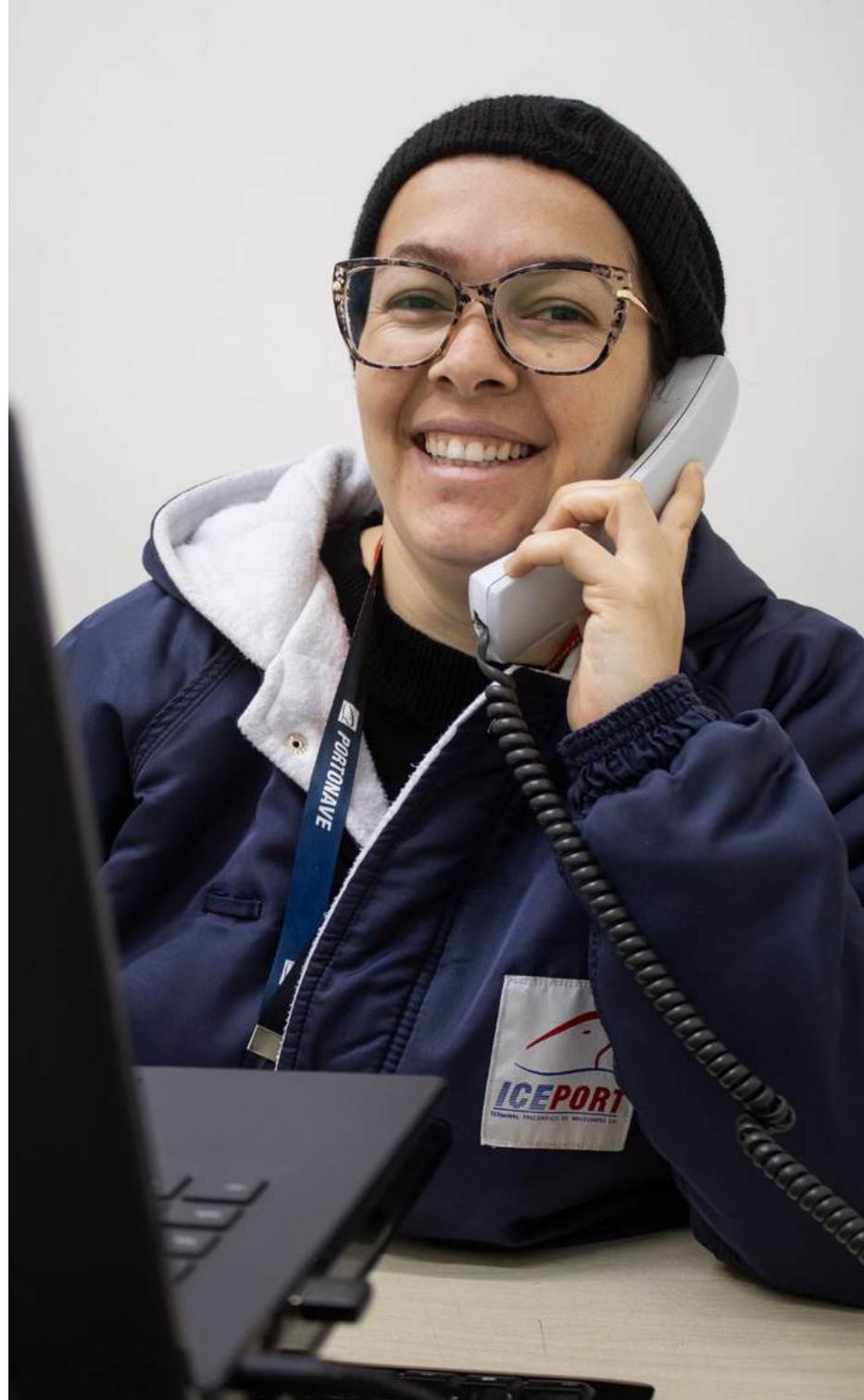
“Não há como eu ver algo inseguro e não intervir.”

POV

É o tipo de pessoa que muitos podem considerar exigente, principalmente por apontar os defeitos, mas trabalho é trabalho, e ela compartilha da mesma percepção. Afinal, o rigor é um sinônimo de qualidade.

Por dia, cerca de 50 caminhões adentram o pátio externo da Câmara. Em comparação com o Gate do Terminal, pode parecer pouco, mas cada palete é retirado e armazenado com o máximo de cuidado, enquanto os contêineres da operação da Portonave são raramente abertos, apenas em casos de vistorias ou limpeza. A operação da Iceport é formada por cerca de 100 profissionais, e cada um faz parte deste importante processo de segurança e qualidade das operações.

Para Ana, desde a chegada, sentiu-se acolhida, mesmo em uma equipe composta por homens, em sua maioria. Porém, nos últimos anos, mais mulheres estão nas operações da Iceport, principalmente pela gestão estar aberta em oferecer oportunidades, inclusive em cargos de liderança. Por quatro anos, Ana foi presidente da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) da Iceport. Um dos momentos de maior orgulho foi quando a câmara ficou um ano sem algum acidente, entre novembro de 2021 a novembro de 2022. Ainda era presidente da CIPA, e a conquista ficou marcada. Fez muitas contribuições, mas passou o bastão adiante.



“É preciso de novas pessoas para uma evolução de segurança da CIPA. Às vezes, o que eu não vejo, você vê.”

Hoje, além de Ana na companhia, seu marido, o Mairton, trabalha na Operação e o irmão caçula, Matheus, no Gate, um em cada canto. Seja no cais do Terminal, nos portões de entrada e saída de caminhões e em baixas temperaturas, são locais responsáveis pelo sustento da família, mas, além disso, motivo de alegria, carinho e orgulho, principalmente, pela união das equipes.

“Aqui somos uma verdadeira família. Muitas das vezes, recebemos o suporte, como conselhos e abraços de amigos, e isso é um diferencial.”



Como um de seus passatempos favoritos, Ana desfruta de pedaladas entre as paisagens à beira-mar de Navegantes, percorrendo o trecho entre o asfalto e o deque de madeira. Um momento de apreciação da brisa marítima e da essência da restinga ainda preservada na cidade. O trajeto a leva do icônico farol do bairro São Pedro até a bela região do Gravatá. No molhe, Arthur brinca de subir pedra em pedra.

Inclusive, o deque de madeira da Praia de Navegantes é um investimento da Portonave por meio do projeto “Nossa Praia”, realizado em parceria com a Prefeitura de Navegantes em 2016. A Companhia realizou a recuperação da vegetação nativa e a construção de deques e passarelas ecológicas, enquanto a Prefeitura ficou responsável por revitalizar a praça de esportes, a ciclovia e a iluminação ao longo da avenida beira-mar. Foi um investimento de R\$ 12 milhões ao longo dos 11 km de praia.

Além dos passeios no local, Ana é amante de pets. A família possui dois gatos, o siamês “Banguela”, e o preto “Morcego”, e dois cachorros, o yorkshire Fred, e a vira-lata Hope. Todos os dias, Arthur se diverte muito com eles.

Atualmente, Ana pretende continuar em aprendizado e evolução contínua. Aprendeu no Terminal que as coisas levam o seu tempo. O que não foi feito hoje, pode ser feito amanhã, desde que seja feito com excelência. Tem certeza de poder contar com a família. E, principalmente, seguirá aproveitando cada momento com Arthur. Afinal, a infância e as demais fases da vida passam rápido. Poder aproveitar cada segundo é uma dádiva.

“Arthur e Mairton são tudo pra mim, e meus pais e cunhados são minha base.”





02

SEP. 2014

REPÓRTO

PROJETO DE RECONSTRUÇÃO
E AMPLIAÇÃO DA ESTRELA

BRASIL

06

08

(RE)COMEÇO DE UM REFUGIADO

FRITZNEL JEAN





Diversos imigrantes e refugiados chegam ao Brasil em busca de melhores condições de vida, a fim de fugir de conflitos armados, desastres naturais e crises econômicas. Cerca de 77 mil são reconhecidos como refugiados no Brasil, de acordo com o relatório “Refúgio em Números”, publicado pelo Comitê Nacional para Refugiados (Conare) e elaborada pelos pesquisadores do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), em 2024. As solicitações de reconhecimento vêm de refugiados da Venezuela (81,4%), do Haiti (5,6%), de Cuba (2,9%), de Angola (1,7%), do Bangladesh (1,2%), entre outros países.

Fritznel Jean, pedreiro da Manutenção Civil do Porto, é natural do Haiti. Em 2004, o país mergulhou num período de instabilidade política e violência. Por este motivo, aos 20 anos, ele se mudou para a República Dominicana. Começou a trabalhar com serviços gerais, como cortar grama e na construção civil. Buscava maior estabilidade. O intuito era ir aos Estados Unidos, mas ele não teve o visto aprovado.

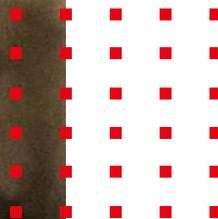




Apesar dos conflitos políticos terem diminuído, os desastres naturais se perpetuaram no Haiti. Em 2010, um grande terremoto de magnitude de 7,0 na escala Richter causou a morte de mais de 200 mil pessoas e deixou mais de 1 milhão de desabrigados, segundo o Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS) e Organização das Nações Unidas (ONU). Além de duas enchentes que também atingiram sua casa. Durante essa época, seu irmão mais velho faleceu devido a uma doença, e, em mais três anos, a mãe.

POV

Mesmo ao abordar sobre a perda dos familiares, seu sorriso não se desfêz, o que me surpreendeu. Durante a entrevista, Fritznel manteve a compostura. Quando questionei como conseguia sempre estar sorrindo, apenas me disse: "Bem, ficar de braços cruzados, em casa, sem fazer nada, não resolveria". Isso me revelou sua maturidade e o modo de ver a vida.



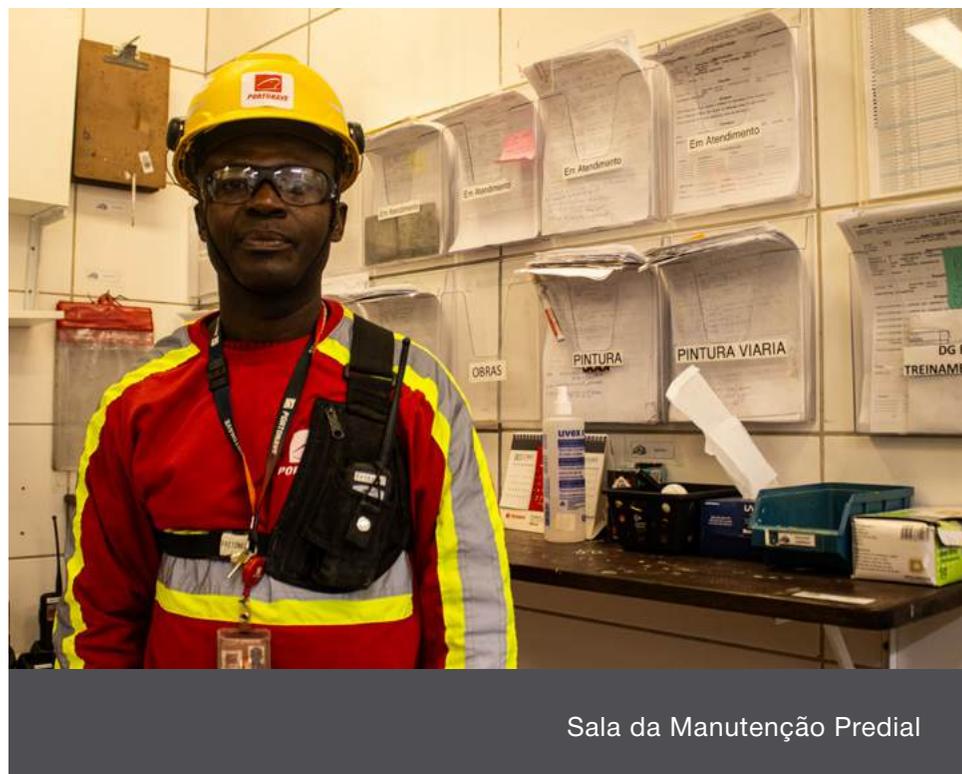
Cansado dos conflitos do Haiti, decidiu apostar no Brasil, até por já ter amigos aqui e ser de mais fácil acesso. No entanto, não foi fácil deixar o que era mais importante para trás: a família. O coração dele ficou apertado, mas era necessário, por se tratar de uma questão de sobrevivência. Em 2015, conseguiu um voo até o Peru. Porém, foi enganado. Quando comprou a passagem em uma agência, lhe disseram que haveria um trem para acessar o país, mas ao chegar, percebeu o golpe. Foi um verdadeiro desafio estar em um país 300 vezes maior do que o Haiti sem orientação.

Apesar disso, Fritznel não se abalou. Comprou uma passagem de ônibus até Rio Branco, no Acre. Felizmente, foi acolhido por um padre que auxiliava os refugiados da África, do Haiti e da República Dominicana. Ficou por uma semana, até a criação do CPF e a carteira de trabalho ser transferida ao Brasil. Seguiu viagem ao Sul, em direção à cidade de Navegantes, onde mora até hoje.

Ao chegar, foi acolhido na casa de amigos haitianos e passaram a dividir o aluguel. Logo, começou a procurar um emprego. Na Penha, trabalhou em uma peixaria, descamando peixes, mas ficou por poucos dias, pois era um serviço que causava alergias. Então, distribuiu currículos. Não foi nada fácil, principalmente por não saber português, somente espanhol, além da xenofobia. Em um dos locais, quando onde deixou o currículo, com um grande sorriso no rosto, a recepcionista recusou. Segundo ela, não contratavam estrangeiros. No primeiro momento, ficou cabisbaixo, mas não desistiu.



“Quando Deus quer as coisas, ninguém pode te derrubar.”



Sala da Manutenção Predial

POV

Apesar de residir no Brasil há nove anos, ainda enfrenta desafios com o português. Às vezes, a compreensão de suas palavras pode ser complicada. Para manter a conversa fluindo, tanto eu quanto Fritz utilizamos sinônimos. Além disso, ele pediu para eu repetir algumas perguntas e falar mais devagar, a fim de facilitar a comunicação.

Dois dias depois, tentou novamente deixar o currículo na mesma empresa. Durante o trajeto, enquanto pedalava, por coincidência, se encontrou com outro haitiano e fez amizade. Ele também estava deixando currículo no local. Fritznel o advertiu: “Já tentei deixar aqui, mas não aceitaram”, porém também o encorajou, “Se você for, eu também vou!”. Quem entrou primeiro foi o recém-conhecido, e Fritznel, com receio, veio atrás. Tentaram conversar, mas, dessa vez, a xenofobia ficou mais escancarada: “Infelizmente, aqui não tem vagas para haitianos”, e o olhar de repulsa os cercou. Era como um balde de água fria na cabeça dos dois. Ficou triste e com vergonha, mas não por muito tempo. Afinal, tantas coisas lhe aconteceram e desistir nunca foi uma opção.

Com resiliência, encontrou outras formas de ganhar dinheiro, seguindo o conselho de um amigo. No bairro, uma senhora fazia algodão-doce e havia uma distribuidora de picolés. Era um sábado ensolarado quando bateram na porta e pegaram os carrinhos de picolé e algodões-doces para vender. Sua energia contagiante facilitou as vendas. Mesmo diante das adversidades, nunca parou de sorrir. Mantinha contato com a família pelo celular, o que o motivava a seguir em frente.

Fritznel começou a andar de rua em rua, com flautas e buzinas típicas de um vendedor de algodão-doce e picolé. Conheceu muitas pessoas e fez amizades por ruas, praias e parques. Por ser extremamente comunicativo, é fácil de se cativar por sua essência. Ligeiro, vendia a mercadoria e buscava mais. Um de seus recordes de venda foram cerca de 150 algodões-doces em um único dia: na festa de aniversário do município.

POV

Inúmeras pessoas reclamam, porém, nada fazem para mudar a atual condição que vivem. Fritznel é um exemplo inspirador, que demonstra o poder da perseverança, capaz de abrir portas.

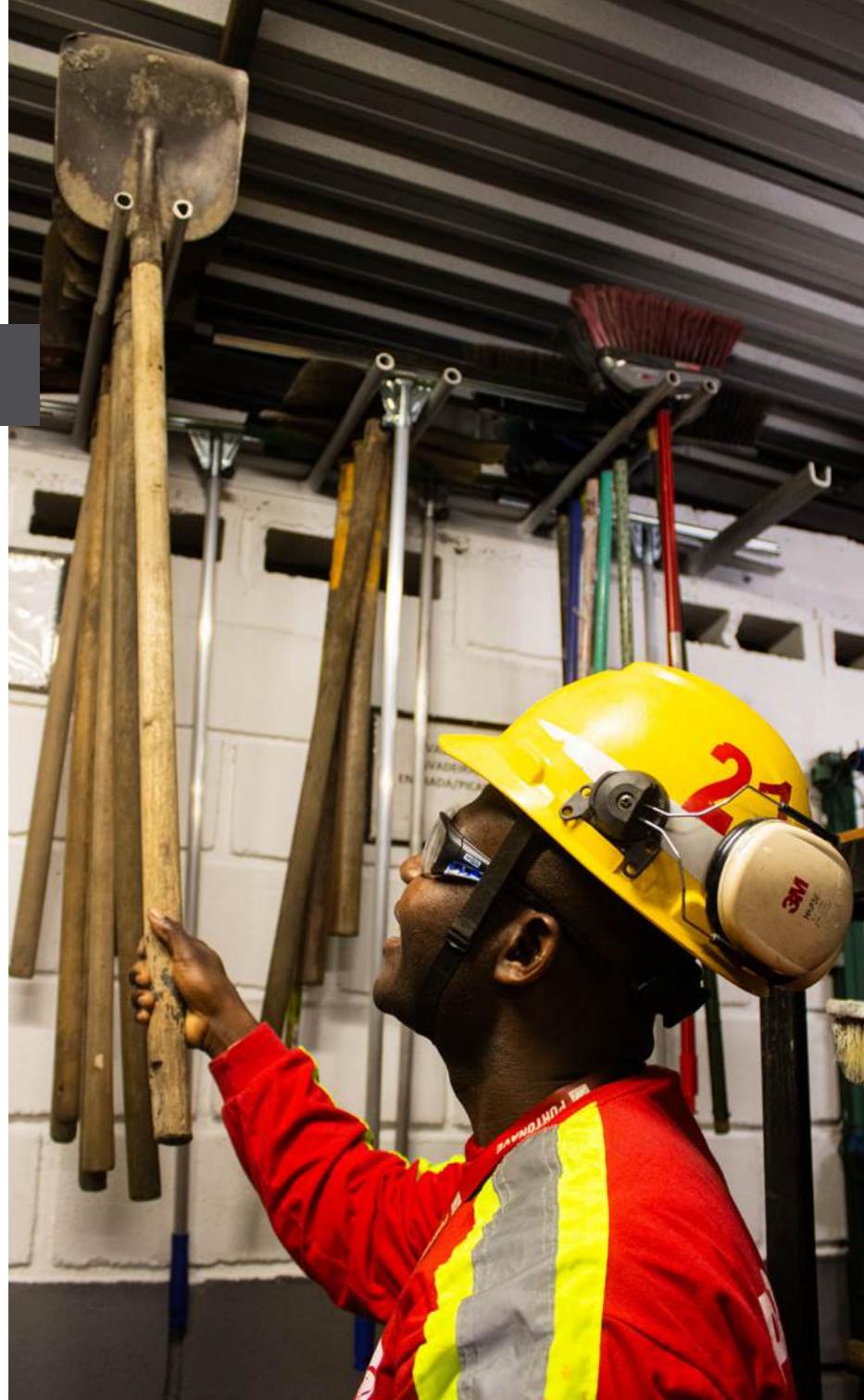
Como as vendas ambulantes não rendiam tanto — apenas metade do valor ficava com ele, a outra era dos produtores, continuou a enviar currículos. Acordava às 5h e tentava a sorte. Quando o sol estava mais forte, por volta das 10h, retirava os algodões-doces e picolés para a venda. Três meses após a chegada no Brasil, deixou um currículo na Portonave, onde um dos amigos, também haitiano, trabalhava, e ali viu uma oportunidade. Na época, o terminal portuário já era bem conhecido em Navegantes. Inclusive, notou o uniforme vermelho dos profissionais da empresa pela cidade, e o admirava com o pensamento: “Seria um sonho vesti-lo”.

Interior da Ferramentaria

Em algumas semanas, a resposta veio por meio do colega. Foi chamado para trabalhar em uma empresa terceirizada, como servente na parte de serviços gerais. Fazia bicos ali e aqui e estava de carteira assinada. No entanto, em dez meses, o contrato dela terminou com o Terminal, e Fritz ficou sem trabalho. Durante um ano, viveu das vendas ambulantes. Porém, antes da terceirizada sair, seu ex-supervisor deixou alguns currículos com o Gerente de Engenharia e Manutenção da época.

Para sua alegria, foi chamado para trabalhar no Terminal como Auxiliar de Manutenção. Finalmente, começou a vestir o uniforme vermelho dos sonhos. Muitos aspectos melhoraram em sua vida. Além disso, fez grandes amizades. Passados quatro anos, em 2020, foi promovido para Pedreiro.

No entanto, estava ainda longe da família. De acordo com o relatório “Refúgio em Números”, publicado pelo Comitê Nacional para Refugiados (Conare) e elaborada pelos pesquisadores do



“A Portonave é uma mãe. Não é qualquer local ou colegas que fazem isso.”

Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), em 2024, apesar dos haitianos serem a segunda nacionalidade no número de solicitações de refúgio, eles não estão entre as cinco nacionalidades com maior índice de refugiados reconhecidos.

Fritznel estava trabalhando muito e juntando dinheiro para comprar as passagens de avião para a família, mas era muito caro. Para se ter ideia, o valor das passagens era R\$7.600 cada até Manaus e mais R\$ 2.200 até Navegantes. Porém, algo surpreendente ocorreu. A atual Gerente de Engenharia, Angelina Cavalli, teve a ideia de fazer uma vaquinha online. Em questão de meses, amigos e colegas ficaram sabendo da história e fizeram doações. Era uma luz no fim do túnel. Muitos não imaginavam que, por trás deste homem, havia uma história de tanta luta e resiliência.

Fritznel voou até Campinas, em São Paulo, para o reencontro. Todo processo foi acompanhado pela Portonave, especificamente pelo departamento de Recursos Humanos, sendo que um profissional o acompanhou até a metrópole.



POV

Era um nebuloso domingo enquanto conversávamos na sala da Manutenção Predial, localizada num grande armazém no pátio de contêineres do Terminal. No local, estávamos sentados em uma mesa redonda, ele de um lado e eu do outro. No canto, havia diversos armários pessoais dos profissionais da equipe.

Por ser o começo do turno, às 17h, diversos colegas ainda chegavam e utilizavam os armários para pegar ou deixar suas coisas. Ao entrarem, cada colega o cumprimentava e demonstrava carinho por ele. Alguns ainda disseram para mim: “Esse tem história!”.

Era reconfortante ver que, mesmo longe da terra natal, em meio a tantos desafios, havia encontrado uma forma de repaginar a vida.

Atualmente, Fritz trabalha no turno das 7h às 17h ou das 17h às 3h, vem de bicicleta, pois ama pedalar. Faz passeios até Penha, desfrutando da natureza. Quando pode, aproveita para vender algodões-doces e picolés, um hábito que não se perdeu. Além de ser uma renda extra, sente prazer em conhecer novas pessoas e explorar cada canto navegantino e da região. Tem grandes amizades até mesmo de outros estados, como no Ceará e em São Paulo. De fato, nada como estar ao lado da família e amigos. Mesmo com as dificuldades, Fritznel continua a lutar. Nesta caminhada, amor e união estão presentes.



SOU MULHER E PORTUÁRIA

LETÍCIA PAULINA





16

16

MSC



Letícia no Terminal Tractor, em 2010

Todos os dias, mulheres enfrentam desafios e triunfam nas adversidades. Constantemente, provam o seu potencial por sua presença ser minoria em determinados espaços. No cenário portuário, não é diferente. Cerca de 17% do total de vagas no setor aquaviário brasileiro são ocupadas por mulheres, de acordo com o levantamento sobre equidade de gênero feito pela Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), em 2023.

Letícia Paulina Schumacher, de 46 anos, natural de Navegantes e moradora do bairro Gravatá, é uma mulher empoderada. Desde nova, é apaixonada pela grandiosidade e pelo barulho do motor dos caminhões, bem longe dos estereótipos femininos. A influência começou com um dos irmãos, Luciano Paulina, que trabalhava com transporte de materiais de construção em caminhões. Ela sentava ao lado dele e o acompanhava com muita disposição e felicidade. De vez em quando, ele permitia que sentasse no seu lugar e tocasse o volante.



Os anos se passaram e, apesar da paixão, aos 18 anos, começou a trabalhar na Prefeitura de Navegantes como telefonista, depois auxiliar de dentista e enfermagem, até se formar em técnica em enfermagem. Profissões majoritariamente ocupadas por mulheres. No sistema público de saúde, 74% da força de trabalho é composta por mulheres, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde, em 2023. Por meio da formação, conseguiu emprego no posto de saúde do Centro de Navegantes, das 13h às 19h. Entretanto, a admiração por veículos grandes nunca se foi. Nessa mesma época, adorava viajar de ônibus ao Paraguai com alguns amigos.

De forma inesperada, a profissão abriu portas a uma nova oportunidade. Anualmente, a rede de saúde pública realiza campanhas de vacinação nas empresas. Em 2007, o destino foi a Portonave. Vacinou os profissionais no prédio administrativo, inclusive o Diretor-superintendente Administrativo, Osmari de Castilho Ribas. Mal poderia imaginar que um dia seriam seus futuros colegas. Em uma pausa, despretensiosamente, andou pela sala. Viu uma cortina e a abriu levemente. Foi quando se deparou com o pátio de operações, cheio de caminhões e equipamentos portuários ainda desconhecidos. Foi encanto à primeira vista. A antiga paixão voltou à tona.

“Um dia, irei trabalhar aqui.” — pensou, e os olhos brilharam.





Parecia um conto de fadas, mas, em vez do sapatinho de cristal, Leticia encontrou a profissão dos sonhos em um sapato de segurança. Em outras campanhas de vacinação, retornou e sempre pensava na possibilidade. Por meio do irmão Luciano, que já trabalhava no Terminal, ficou sabendo sobre vagas abertas na Operação e logo se candidatou. Para felicidade, conseguiu a vaga como Operadora de Veículo Portuário. Então, resolveu pegar a licença da Prefeitura, de dois anos, com propósito de esparecer os pensamentos. Na época, estava grávida do segundo filho, Davi, e já tinha o Matheus, de dois anos.

Após 15 anos atuando na área da saúde, pediu a conta e começou a trabalhar como operadora de Terminal Tractor (TT). Há pouco tempo, havia feito a carteira D. Segundo a autoescola, foi a primeira mulher da Penha a ter habilitação na categoria. Na primeira entrevista de emprego, eram mais 11 pessoas, sendo dez homens e uma mulher. Quando foi a vez de Leticia, o entrevistador perguntou qual seria a função.



Prontamente, disse “Operadora”, e, rapidamente, todos olharam surpresos em sua direção. O entrevistador ainda soltou um “É?” e ela devolveu: “Sim, eu amo caminhão”. Mais um teste foi agendado no outro dia. Desta vez, restaram oito pessoas, sendo cinco para Operação. Nele, mais uma entrevista foi agendada para dali em 20 dias.

Na última entrevista, na época, com o Supervisor de Equipamentos, das 11 pessoas, restaram quatro.

— Mas você sabe que aqui temos horários alternados, inclusive, na madrugada, como você vai fazer tendo filhos? — ele perguntou.

Naquela época, Leticia estava com Davi, que tinha um ano, e Matheus, que tinha três anos.

— Estou tranquila quanto a isto, porque tenho minha mãe como apoio. — ela respondeu.

Joystick para controle do RTG

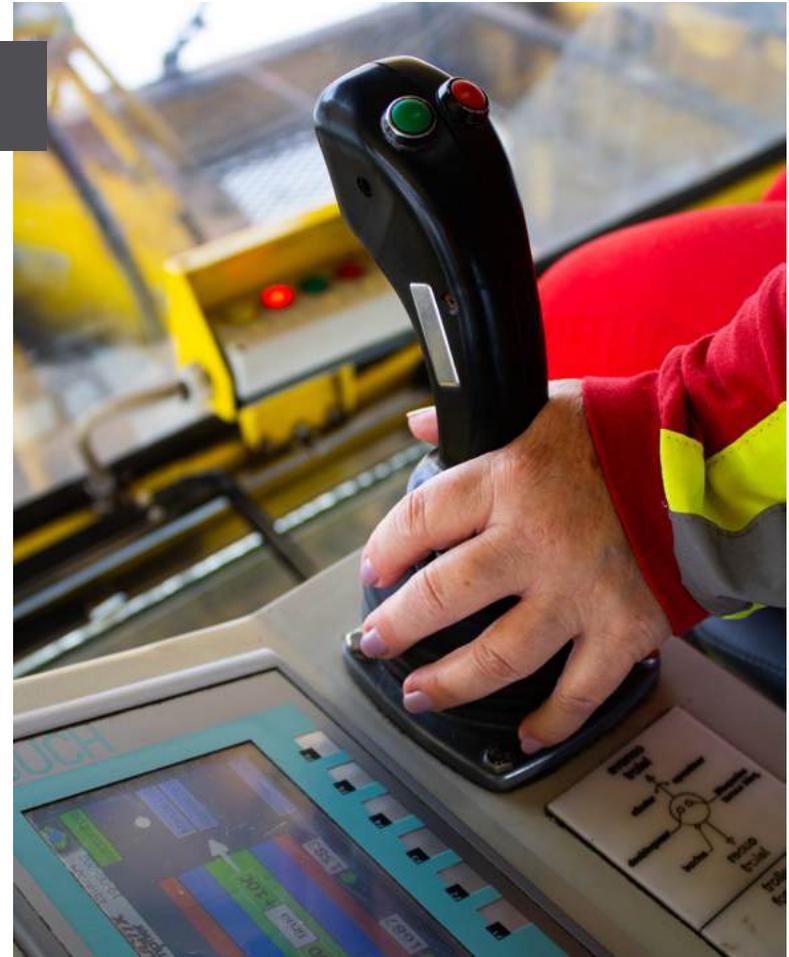
O nome dela é Lorair. Por muito tempo, foi um grande suporte, até os pequenos crescerem e se tornarem homens, pois, pouco antes de começar na Portonave, Letícia se divorciou e se tornou mãe solteira.

— E se for pra operar um equipamento maior? — ele continuou.

— Desde que me deem o curso, não há problema. — afirmou sem hesitar.

— Tenho certeza de que você vai ensinar muitos homens por aqui. — ele disse.

O sorriso dela abriu de orelha a orelha. Ainda hoje agradece a confiança do antigo supervisor e suas palavras ficaram marcadas. Segundo Letícia, apoiou muitas mulheres a entrarem no setor operacional. Porém, um evento atrasou os planos, a enchente. Aguardou nove meses para começar em julho de 2009.





Muitas pessoas duvidaram do seu potencial. Acreditavam que mulher não servia para dirigir um caminhão. Alguns ainda disseram que colegas homens tentaram entrar na Portonave e não conseguiram, e quem dirá ela. Sem perder a postura, reiterava sua capacidade e seu valor.

Felizmente, tinha o apoio da família, e assim, seguiu em frente. Mais operadoras começaram no mesmo dia. Faziam parte das primeiras mulheres a entrarem na Operação da Portonave. Muitas profissionais de outros setores e de empresas terceirizadas começaram a notá-las, e perceberam que também poderiam estar na Operação. E, por influência delas, de fato, foram. No Terminal, é chamada de Le, e, por conhecidos e amigos próximos, de Tita.

Por três anos, Le ficou na Terminal Tractor (TT) e, depois, começou a operar a Empilhadeira de Vazios (EVs), como também a empilhadeira de contêineres cheios, as Reach Stackers (RS), em que se pode operar cargas ainda maiores, não apenas contêineres, como lanchas. Mas, em um ano e meio, chegou nos Rubber Tyred Gantry (RTGs). Há nove anos na Companhia, hoje é Operadora de Equipamentos Plena. O RTG translada pelo pátio de contêineres em quatro enormes pneus de borracha. Por meio dele, os contêineres são organizados nas pilhas e descarregados nas carretas para seguirem viagem pelo Brasil.

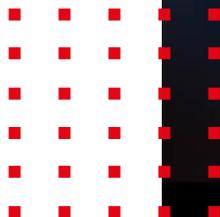
— *Você vai ver, eu vou conseguir. — dizia determinada.*

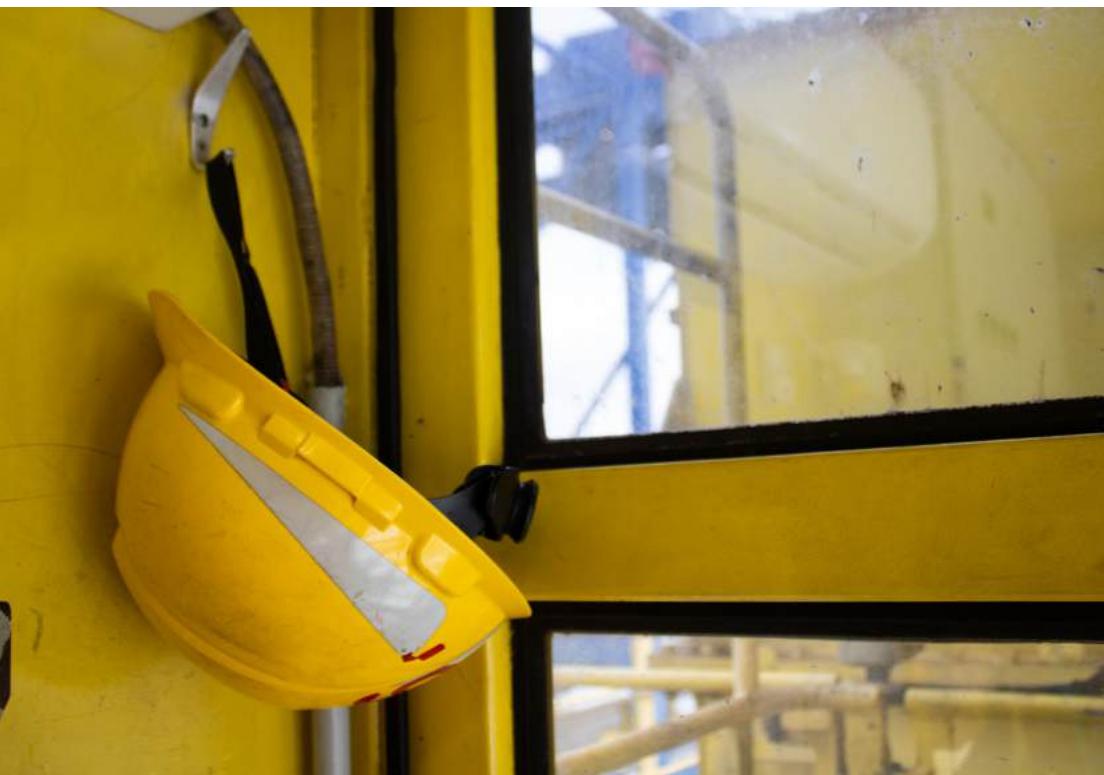
POV

Era uma tarde ensolarada e quente de sábado. O céu estava num belo tom de azul com poucas nuvens. Por volta das 15h, vesti meus EPIs e me encontrei com Le no acesso principal dos profissionais, local onde batem o ponto.

Estava preparada para me receber: cabelos penteados e com maquiagem. Apesar do uniforme vermelho e refletivo de trabalhadora portuária, a beleza e a delicadeza estão presentes. Os cabelos longos e o batom evidenciam o autocuidado.

Nos cumprimentamos, jogamos um pouco de conversa fora e fomos ao torniquete. Ali, passamos pelo detector de metais e acessamos o pátio de contêineres, mas, antes de seguir ao seu posto de trabalho, pegamos algumas garrafas num contêiner próximo, à esquerda, conhecido como “contêiner d’água”, onde há vários freezers com garrafas de águas geladas destinadas aos profissionais.





Ao longo dos anos, Le se provou todos os dias e enfrentou discriminação. Houve vezes de descer do RTG e os caminhoneiros não acreditarem que era ela lá em cima. Em uma situação, quando ainda dirigia a TT, precisava passar por um caminho, mas os motoristas externos estavam estagnados no local. Nem sequer movimentaram um centímetro dos caminhões para abrir o caminho, mas, sendo boa motorista que é, tirou de letra e conseguiu seguir adiante. O ex-supervisor estava certo. Ela ensinou muitas coisas aos homens, uma delas, a perseverança.

“Apenas faça o bem e o resto vem.”

POV

A bondade de Letícia é contagiante. A todo momento, sorria, mesmo enquanto contava sobre os desafios da vida. Sem dúvida, soube utilizar o limão para fazer uma deliciosa limonada.



Após pegar o ônibus até o RTG, sobe o equipamento por de cerca de 120 degraus. Quando precisa ir ao banheiro, anda 240 degraus na ida e volta ao equipamento. Por este motivo, a maioria das vezes pede para ser rendida primeiro. Apesar disso, o corpo se habituou aos horários. Seu único alerta é a ergonomia. Por vezes, fica com a coluna inclinada para observar e acompanhar a movimentação de contêineres. Com objetivo de ter uma postura melhor, faz crossfit e procura se policiar.

POV

Diferente do portêiner, o único meio de acesso à cabine do RTG são as escadas. Ao final da subida, agradei por termos trazido as garrafas de água. Estava quente, mas, naquela altura, um vento fresco circulava. Além disso, dentro de todas as cabines dos operadores, há um ar condicionado e nós o utilizamos.

Assim como os portêineres, os RTGs possuem o chão de vidro, mas balançam mais. Um portêiner se movimenta somente para esquerda ou direita, enquanto um RTG translada pelas diversas pilhas de contêineres do pátio. Para operá-lo, é necessário muito entendimento, comunicação não verbal e atenção aos sentidos.

Por dia, movimenta cerca de 130 contêineres, cerca de quatro mil toneladas de produtos, seja madeira, plásticos, têxteis e produtos congelados. Ao longo dos anos, um dos maiores aprendizados foi ter paciência e saber lidar com a pressão, pois as operações requerem agilidade. Isso também ajudou Letícia nas situações do dia a dia corrido da vida pessoal, isto é, ser mais paciente. Outro grande aprendizado foi saber trabalhar em equipe, uma vez que o Terminal funciona por meio de diversas engrenagens, pessoas unidas num mesmo propósito.

Enquanto opera, Le ou Tita se sente realizada. Por vezes, enquanto está sozinha na cabine, relembra de sua trajetória, nas inúmeras noites como operadora, e a resiliência em superar os obstáculos da vida. Somente ao falar do pai, ficou emotiva. Sejam homens ou mulheres, chorar é humano. Infelizmente, Pedro não pode ver a evolução da filha. Faleceu quatro anos antes dela entrar no Terminal. Porém, imagina o quanto ele estaria orgulhoso e surpreso.



“Quería que estivesse vivo. Nem ele acreditaria.”

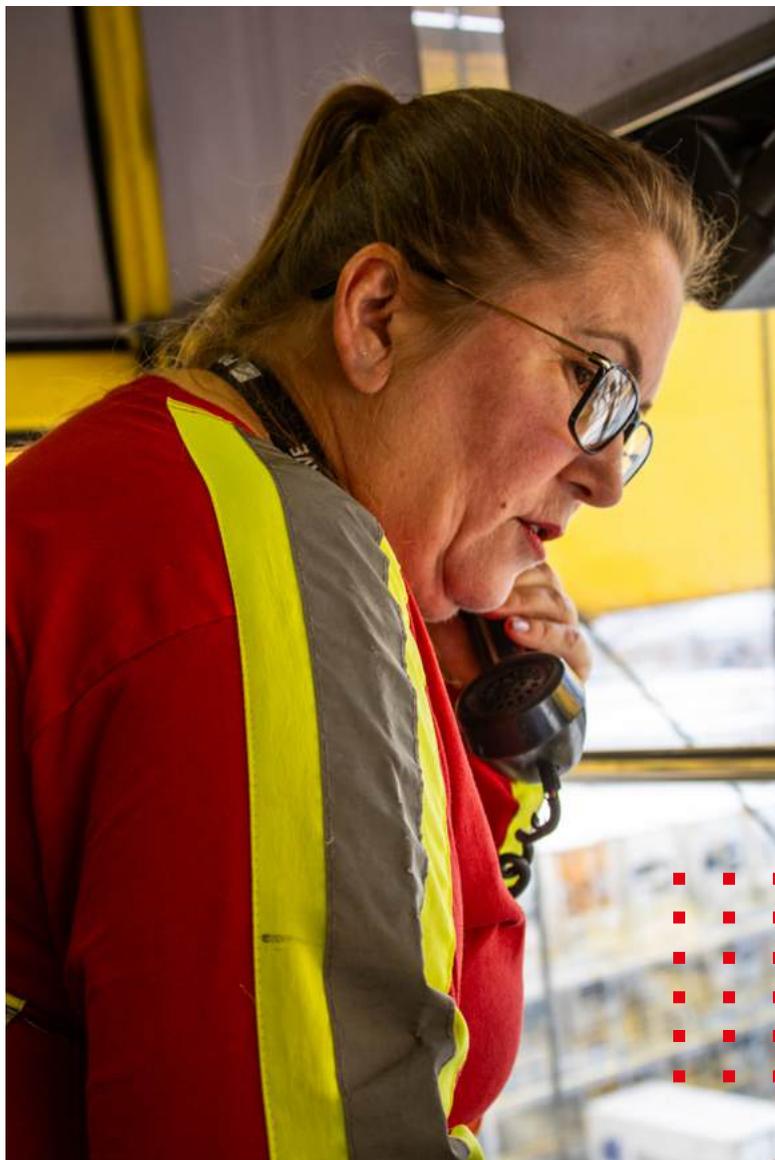
POV

Todos nós, um dia, sofreremos pela perda de alguém. Um familiar, um amigo ou até mesmo um bichinho de estimação. Não importa o momento, a perda é comum a todas as idades.

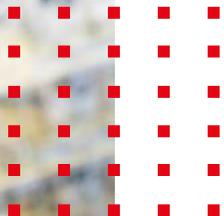
Podem se passar anos, mas o sentimento de impotência e tristeza ficar guardado no peito. Será que poderia ter feito algo? Angústias e dúvidas atingem o coração como adagas. O ponto é o que fazemos com as feridas. Se empurramos a adaga ainda mais fundo ou deixamos as cicatrizes surgirem.

Aquela mulher sorridente havia mexido comigo. Seus olhos estavam marejados. No entanto, logo se recompôs, provando que, mesmo em meio a dor, Letícia é forte.





Para ela, Portonave é uma família solícita e de muitos bons momentos vividos juntos. Fez grandes amigos e obteve conhecimento. Por meio de um curso voltado às mulheres, aprendeu autodefesa, e ainda cursou inglês. No Terminal, também conheceu o namorado Aerton, operador de portêiner.



Quando mais precisou de ajuda, principalmente por causa da saúde, teve apoio dele. Em 2020, teve Covid-19. Aerton a levou ao hospital, onde o diagnóstico foi feito. Ficou muito doente em casa por 14 dias. Estava com febre, sintomas gripais e passou bastante mal. Redobrou o cuidado por fazer parte do grupo de risco, pois tem pressão alta. Aerton pegou a doença também. Ela decidiu antecipar as férias e ficou dois meses em casa para se recuperar.

No mesmo ano, campanhas de vacinação contra a Covid-19 foram feitas e se vacinou. Até que, em 2022, certo dia, andando de moto com Aerton em Blumenau, no Morro do Cachorro, os dois caíram. A rua estavam em péssimas condições, cheia de buracos. Não foi grave, mas levaram um susto. Então, passou na farmácia e comprou adesivos para o alívio dos ferimentos. Ao chegar em casa, pediu ajuda a Davi, seu filho. Foi quando percebeu que não sentia cheiro algum do produto. Pensou estar vencido, mas, que nada, era mais uma vez a Covid-19. Davi matou a charada. No próximo dia, ao ir trabalhar, avisou os superiores, e foi recomendada a fazer o teste. Dito e feito, era a tal da doença novamente. Ficou uma semana afastada com sintomas leves.

No tempo livre, de acordo com o turno, desfruta a vida em atividades e passeios com os filhos. Atualmente, Matheus tem 18 anos e Davi, 15 anos. Mesmo crescidos, ambos pedem sua benção à noite, um hábito antigo e belo. Enquanto o Terminal é movimentado pelas águas do Rio Itajaí-Açu, Letícia surfa nas ondas do mar nos dias de calor. Desde a juventude, surfa na Praia do Gravatá. Hoje, desfruta deste passatempo junto dos filhos. Já pegou cada onda! Quando era menor, a paixão era tanta que, mesmo sem prancha, improvisava com um pedaço de isopor.



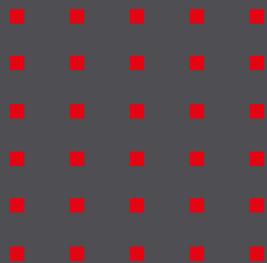
É uma guerreira que influenciou muitas mulheres a se descobrirem na Operação, e acredito que nem ela sabe o quanto. Além disso, é uma mãe amorosa, autêntica e cheia de luz. Seu pai deve vigiá-la dos céus enquanto opera nas alturas e sente muito orgulho de quem se tornou.

Letícia deixa um recado final para todas as mulheres que lutam por seus objetivos dia após dia: “As borboletas não conseguem ver suas próprias asas, o quanto são verdadeiramente lindas, mas os outros podem ver”. Perceba o quanto você é capaz.

“Se Deus colocou essa semente no teu coração, acredite no seu potencial! Seja resiliente e enfrente os obstáculos da vida.”

MÃE DE PRIMEIRA VIAGEM

SILMARA DA SILVA

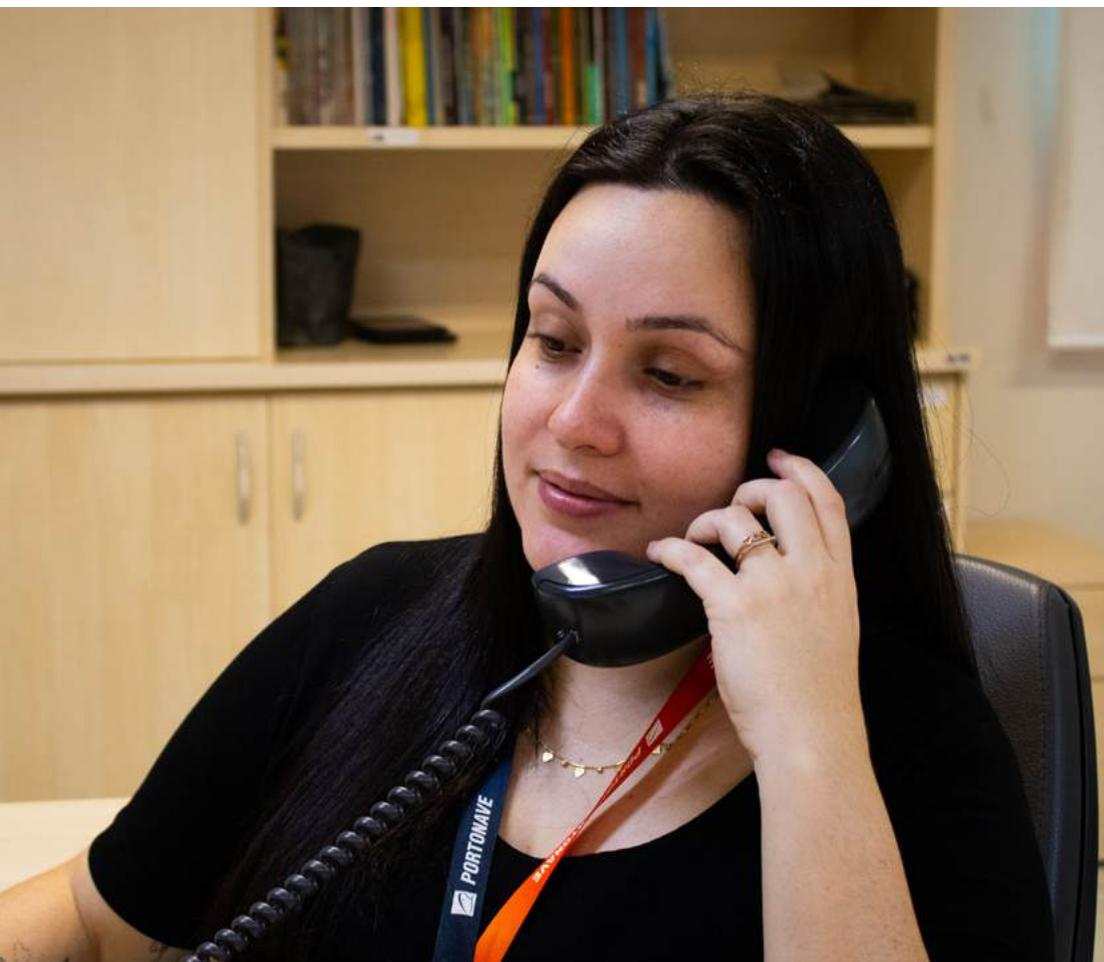




Normas de Trabajo en Pisos

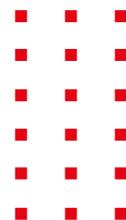
- 1. Usar el equipo de seguridad personal en todo momento.
- 2. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 3. Usar el equipo de seguridad personal en todo momento.
- 4. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 5. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 6. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 7. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 8. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 9. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.
- 10. Mantener las áreas de trabajo limpias y libres de obstáculos.

SIERRA
ASISTENTE DE GATE
RCM



Para alguns, as oportunidades batem à porta. Assim foi com Silmara da Silva aos 15 anos. Num dia corriqueiro de aulas na Escola Adelaide Konder, no bairro Machados em Navegantes, um profissional do departamento de Recursos Humanos da Portonave veio visitar as turmas do segundo ano do ensino médio com intuito de apresentar o programa Jovem Aprendiz. Era 2007. Até então, não sabia nada sobre o segmento portuário e a empresa era nova, havia iniciado as operações naquele ano.

Moradora do bairro Machados, Silmara trabalhava como costureira na malharia da tia, localizada na BR-470. Há pouco tempo, sua vida havia passado por uma grande mudança: os pais se divorciaram. A mãe Ivone era dona de casa e dependia da renda do marido. Sempre cuidou com carinho da caçula Silmara, bem como dos irmãos mais velhos, Murilo e Simone, além da sobrinha Rafaela. Batalhou tanto por eles que se deixou de lado. Então, Silmara decidiu começar cedo no mercado de trabalho para ajudar a família. Quando a oportunidade caiu de paraquedas na



escola, não pensou duas vezes. No entanto, o pai desaprovou a decisão por acreditar ser um serviço inapropriado às mulheres, mas ela não deu ouvidos. Após três entrevistas, duas na escola e uma na Portonave, conseguiu a vaga para sua felicidade.

POV

Mesmo sob o céu cinzento e a ameaça iminente de um forte temporal, seu olhar e sorriso iluminavam a sala fechada em que estávamos, evidenciando a vontade de vencer da família. Não é tarefa fácil para uma mãe criar os filhos sozinha. Porém, com perseverança e resiliência, juntos, mãe e filhos podem alcançar patamares ainda maiores.

Era um mundo de descobertas à jovem Silmara. Quando chegou, não sabia sequer atender o telefone. No decorrer dos anos, aprendeu muito mais do que isso. Começou a auxiliar no arquivamento e na organização dos documentos físicos da empresa, com o apoio da gestora Carla Carolina Pereira Haendchen Vidal.

Os aprendizados foram muitos e, após um ano na área de Arquivo, foi remanejada para auxiliar a Diretoria. Mesmo sendo jovem aprendiz, em nenhum momento se sentiu tratada de forma diferente. Pelo contrário, o aprendizado e a autonomia foram estimulados pelos gestores. O acolhimento fez com que se sentisse importante, parte de algo especial, por mais que as atividades fossem de pequeno impacto, mas, somadas a um todo, eram grandes ações.

Dois meses antes de o programa Jovem Aprendiz acabar, conseguiu uma vaga de estágio no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), na sala nas dependências do Terminal. Mais uma vez, era um mundo totalmente novo. Consultava, protocolava e arquivava os documentos dos despachantes. O estágio durou três meses, pois uma oportunidade maior a aguardava. Em 2010, vagas foram abertas para novos contratados diretos no Gate, área de entrada e saída de caminhões, e ela aceitou o desafio. Enfim, agora era uma profissional efetiva como auxiliar na parte administrativa. De degrau em degrau, subiu na carreira.

POV

Diversos profissionais construíram uma carreira sólida e estão na empresa há anos. Não é difícil encontrar pessoas com cinco, dez e quinze anos de casa. A Portonave soube fidelizar muitos dos seus trabalhadores. Não só eles, como suas famílias, seus irmãos, seus primos, casais, pais e filhos que incentivam um ao outro a entrar no local.

No entanto, as responsabilidades aumentaram. Depois de uma reestruturação no quadro dos profissionais, Silmara se tornou Operadora de Gate. Atendia os motoristas e executava a liberação da entrada dos caminhões. Tanto na parte administrativa quanto na operacional do Gate, os profissionais trabalham em três turnos para dar conta da demanda, iguais aos da Operação, das 7h às 15h, das 15h às 23h e das 23h às 7h. Ficou quatro anos com uniforme vermelho e EPIs, principalmente o protetor auricular, pois os caminhões fazem barulho.



No período, Silmara lidou com caminhoneiros de todos os tipos, inclusive os mal educados. Por vezes, teve que manter a calma. Apesar disso, aprendeu muito. Alguns eram queridos e jogavam conversa fora com a operadora, até mesmo desabafavam sobre os problemas da vida, por conta das muitas longas viagens, pois não tinham oportunidade de conversar com outra pessoa. Até hoje, alguns a cumprimentam e batem papo quando visitam o Terminal.

POV

Ser mulher pode ser um desafio em muitos aspectos. Se demonstra seriedade, é interpretada como brava. Se opta pelo silêncio, presumem estar chateada. Se é gentil, é fácil de lidar. Se ousa rir alto, é rotulada como mal-educada.

O mundo moderno coloca a mulher sempre à prova por causa da ideia de que precisa alcançar um nível de inteligência emocional quase inatingível. Não deve abdicar da autenticidade.

A nossa essência é uma parte valiosa do que somos. A verdadeira inteligência emocional não se trata de suprimir emoções, mas de reconhecê-las e lidar de maneira construtiva. Ser mulher é abraçar as próprias nuances.



“Há 13 anos, sou tão realizada e feliz no Gate.”

Em 2011, muitas oportunidades abriram na Operação e várias de suas colegas foram admitidas. Por pouco, quase seguiu o mesmo caminho, mas gostava do Gate e foi resiliente em busca do seu plano de carreira ali. Um ano depois, duas vagas para Assistente de Gate foram abertas. Se candidatou e conseguiu. Hoje, está no cargo como Líder de Gate. No meio tempo, se formou em Logística, faculdade subsidiada pela Portonave.

O desafio mais uma vez recomeçou. Ao longo de quatro anos fora do setor administrativo, muitas coisas mudaram, como os sistemas de entrada e saída dos caminhoneiros. Aos poucos, demonstrou seu potencial e é motivo de orgulho aos antigos gestores. Cumprimentam-na com muito carinho pelo quanto evoluiu. É responsável pelo atendimento ao cliente e realiza a liberação da entrada dos caminhoneiros e contêineres, além de dar suporte aos Auxiliares de Gate.



Nesses anos, vários eventos marcaram a vida na empresa, entre eles, um especial: a operação do primeiro caça da Força Aérea Brasileira (FAB), a ser importado da Suécia a Navegantes, em 2020. A cidade foi escolhida pela posição estratégica entre o Terminal Portuário e o Aeroporto Internacional de Navegantes, apenas a dois quilômetros distante um do outro.

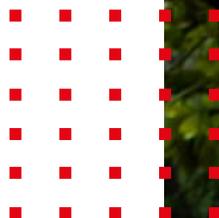
A aeronave saiu do Gate na madrugada e Silmara acompanhou toda a movimentação. O horário foi definido por conta do trânsito, pois o caça foi transportado em terra por meio de uma frota do exército até o aeroporto. Diversas famílias ficaram acordadas para apreciar e registrar fotos do momento. Ela e os colegas nunca haviam presenciado mobilização da comunidade por conta de uma carga, algo especial e inédito.

Mais de dois mil caminhões acessam diariamente os gates. Nos dias de pico, já foram realizados mais de três mil acessos nos dez gates. São oito de entrada e dois de saída. Apenas em seu turno, acessam cerca de um mil caminhões com cargas de todos os lugares do mundo e Brasil. Ver esse movimento enche de orgulho Silmara, que se sente grata em fazer parte disso.

“Sou quem eu sou por causa da Portonave.”







POV

Acordei cedo para entrevistá-la durante o início do turno. Peguei minha moto e segui em direção ao Gate, localizado à direita de quem adentra as dependências da empresa. Durante o trajeto, em instantes, me deparei com muitos caminhões.

É surpreendente a quantidade de cidades diferentes constantes nas placas dos veículos. Alguns dos nomes eram conhecidos, por serem de Santa Catarina, como Xaxim, Chapecó e Brusque, mas também de outros estados, como Rio Grande Sul e Paraná.

Além disso, próximo ao Gate, há vagas de estacionamento para caminhões. E bem cedinho, todas já se encontravam ocupadas. Ao chegar no departamento administrativo, fui recebida em uma das salas de reunião. Nela, sentamos em uma grande mesa de reuniões, e ali começamos a conversa. Enquanto isso, ainda de fundo, podia ouvir o barulho dos caminhões entrando e saindo. Ora buzinando, freando e acelerando os motores.



Além da faculdade, a Portonave também custeava curso de inglês, algo prezado por Silmara. Em 2022, teve uma de suas maiores experiências de vida ao fazer um intercâmbio sozinha em Londres. Durante um mês, ficou hospedada na casa de uma família nativa. Dividia quarto com outras meninas e acordava às 5h30 para ir à aula. Estava há apenas um ano estudando inglês, então, ainda possuía dificuldades em se comunicar. Foi um momento difícil. Por vezes, chorou ao telefone enquanto conversava com a mãe. Apesar das dificuldades, obteve muitos aprendizados e enfrentou um de seus maiores medos: a vergonha. A experiência também demonstrou o quanto conhecimento era poder.

Hoje, aos 31 anos, está grávida do primeiro filho. A descoberta aconteceu de maneira inusitada, por meio de um convite a um passeio. Era domingo, em maio de 2023, quando alguns colegas insistiram para se juntar a uma trilha no bairro Escalvados, em Navegantes. Silmara não gosta muito de trilhas, mas aceitou. Acordaram às 4h30 com intuito de ver o nascer do sol. Ao retornar, ela começou a passar muito mal com dores em todo o corpo, mas pensava ser do esforço na caminhada.

— Amiga, o que eu faço? — Silmara perguntou.

— Sil, você precisa investigar, mas, se eu fosse você, faria um teste de gravidez. — ela alertou.

Os dias se passaram e, em breve, estaria de aniversário e tinha comprado passagens para o Jalapão, em Tocantins, junto com o marido Pablo. Porém, ainda sentia cansaço e muito sono. Estava com receio de ter de cancelar a viagem. Então, lembrou de conferir o aplicativo de monitoramento da menstruação e reparou um dia em atraso. Ali, começaram as suspeitas de gravidez.

Preocupado, Pablo comprou diversas ervas e temperos de chás, inclusive canela, sem suspeitar da gravidez. Ela precisava conversar com alguém. Então, enviou uma mensagem à amiga e colega de serviço, Hariane, que há poucos meses tinha descoberto a própria gravidez.

Então, decidiu seguir o conselho e não bebeu nenhum chá, até porque alguns poderiam prejudicar sua saúde e a do bebê, caso realmente estivesse grávida. Na intenção de não dar falsas esperanças a Pablo, contou uma desculpa qualquer.

— Fiquei sabendo que chá de canela faz mal pro fígado. — ela informou.

Aguardou com ansiedade o dia seguinte para ver se menstraria. Contudo, não veio nada, nenhuma gotinha sequer. Nisso, ele comprou mais remédios e pomadas indicadas para gripe, ainda sem imaginar o que poderia ser. Em mais um expediente de trabalho, às 22h, Hariane comentou novamente sobre o teste de gravidez e Silmara decidiu fazê-lo naquele mesmo dia.

Foi o mais rápido possível a uma farmácia próxima e comprou um teste bem baratinho. Afinal, imaginava que o exame desse negativo. Ao chegar ao Porto, correu até o banheiro e, em instantes, veio o resultado: dois risquinhos (positivo). Espantada, contou à amiga, que ficou incrédula ao saber que ela só havia comprado um teste. Recomendou, então, comprar pelo menos mais dois. E lá foi ela novamente até a farmácia. Desta vez, voltou com testes mais precisos. Em ambos, o resultado foi positivo e um deles indicou estar de duas a três semanas de gravidez.

POV

Leitora ou leitor, já imaginou a sensação de descobrir uma gravidez durante o intervalo do trabalho? Pode ser uma montanha-russa de emoções. Ao mesmo tempo, apesar de ter uma certa desconfiança e expectativa, no primeiro momento, a notícia pode ser avassaladora e as inúmeras dúvidas podem surgir. "Será que vou conseguir? Isso não afetará minha carreira? Como os colegas e superiores reagirão à notícia?". Um turbilhão de informações passa pela cabeça e os hormônios vão à loucura.



Ao chegar em casa, Silmara contou a Pablo e eles se abraçaram. Os planos de viagem foram adiados, mas a notícia veio para deixar o casal mais feliz do que qualquer outra coisa. Era um grande sonho de Silmara ser mãe. Era uma menina, e deram o nome de Cecília. Seu nome significa “guardiã da música”. A escolha foi por influência de Pablo, músico e apreciador de uma boa melodia. Será a primeira neta das duas famílias. O nome, de origem latina, também representa o conhecimento, a sabedoria e a verdade.

POV

As roupas largas revelam a barriga, mas é apenas um detalhe neste novo capítulo da vida chamado maternidade. O cuidado ao colocar as mãos suavemente sobre a barriga revela o amor incondicional nutrido pela pequena. Uma cena acalentadora para qualquer testemunha. É impossível não se emocionar ao pensar em como Cecília será amada e paparicada. Cada sorriso, risada e lágrima serão motivos de celebração à família. O amor envolvido na barriga, mesmo antes do nascimento, é especial.

No momento, Sil está focada no universo da maternidade, além de descansar muito e cuidar de sua saúde e da de Cecília. Conta com o Programa de Apoio à Maternidade da Companhia. Desde 2019, a iniciativa promove encontros presenciais com a finalidade de ajudar as mães a tirarem dúvidas sobre a maternidade, mediante a realização de palestras sobre saúde e cuidado, além de um grupo de integração no WhatsApp. Já demonstrou ótimos resultados, passando de uma taxa de retorno da licença-maternidade em 2018 de 62% para 100% nos anos de 2021 e 2022. Em 2023, a taxa de retorno da licença maternidade foi de 90%.





“A Portonave pra mim é uma extensão da minha família.”

POV

Passei a segui-lá nas redes sociais, pois gosto de saber como meus entrevistados estão e manter contato com eles. Diariamente, eram frequentes as publicações sobre desejos de grávida e ultrassons da barriga. Foi lindo acompanhar a ansiedade e felicidade dessa mãezinha de primeira viagem. A cada publicação, um sentimento caloroso em poder acompanhar momentos tão importantes para Sil.

Atualmente, por estar grávida, ela não troca de turno, uma generosidade do supervisor Leandro Barboza, que também é pai e busca ser compreensivo. Até o bebê completar um ano, Sil ficará no turno das 7h às 15h, assim poderá ir às consultas médicas e aos exames com maior praticidade.

Sem dúvida, a maior felicidade na vida dela é a família, especialmente sua mãezinha. Praticamente, todos os dias, Silmara busca Ivone no emprego. Agora, seu maior propósito é dar o melhor de si para Cecília crescer feliz na terra navegantina, que ama com muito carinho, devido à tranquilidade e às oportunidades constantes. Além de seguir ao lado da segunda família, na equipe do melhor Gate do Brasil, como os colegas e ela gostam de se referir.

POV

Há pouco, Pablo começou a trabalhar no departamento de Manutenção Mecânica da Companhia. E quanto a filha? Quais serão seus passos? O que nos resta é aguardar ansiosamente pelo futuro e ouvir a melodia composta por Cecília na partitura da vida.

TESTEMUNHOS DE UM OPERADOR

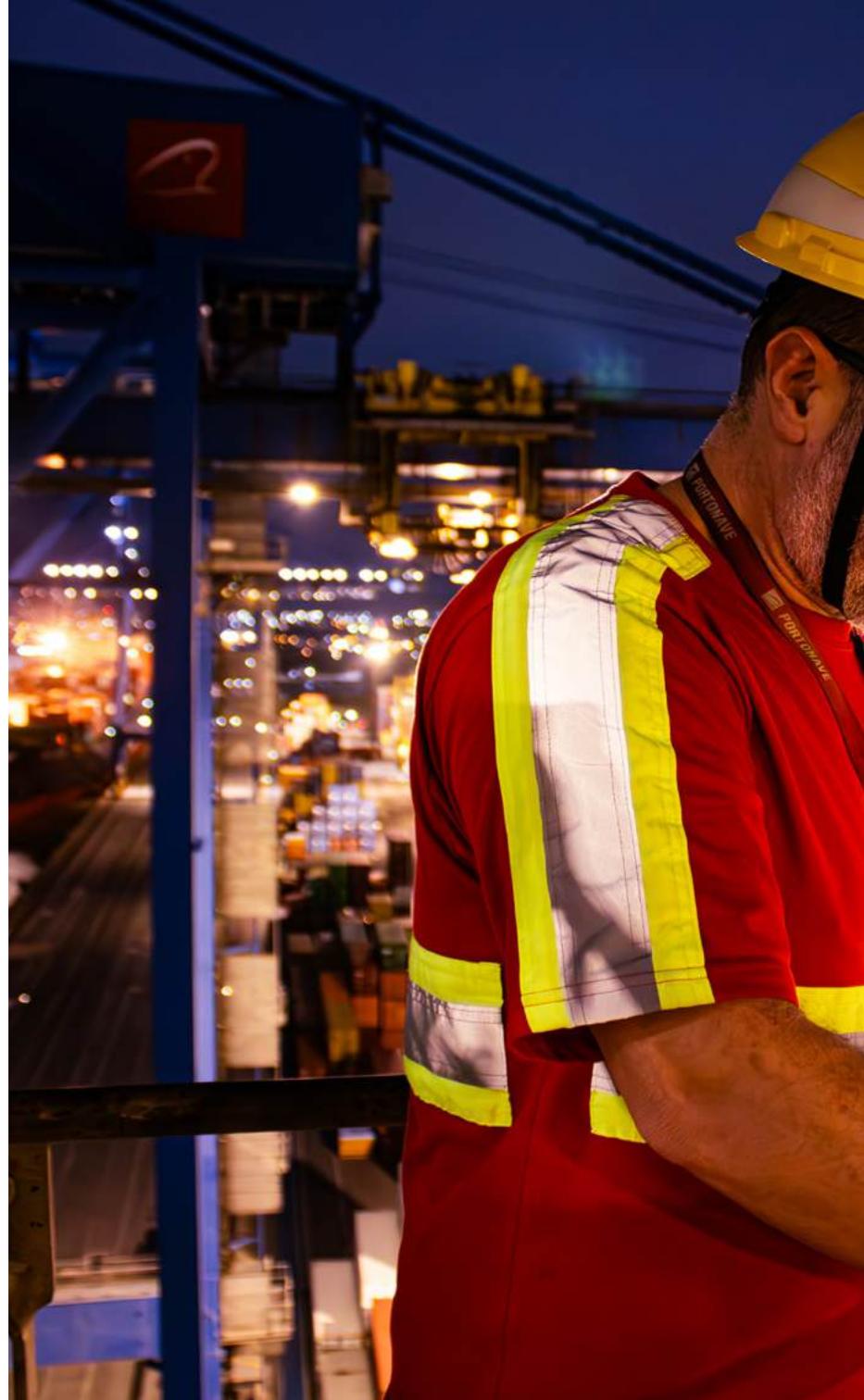
MARCELO CAPISTRANO





Entre trancos e barrancos, Deus escreve certo por linhas tortas. Assim foi na vida de Marcelo Capistrano, de 44 anos, natural de Itajaí, rodeado por testemunhos divinos e superações. O primeiro ocorreu quando estava na igreja e ouviu uma voz dizer: “Ore pelo teu irmão”. Então, lembrou do irmão mais novo, João Paulo, que sofria com asma e bronquite. Eram recorrentes os episódios de mal-estar e idas ao hospital. Começou a orar e, de repente, sentiu um calor forte e súbito. E, do mesmo jeito repentino, foi embora. Mais tarde, ao chegar em casa, enquanto transpirava, soube pela mãe que, no mesmo horário, o irmão teve nova crise e suou muito na cama. Após o acontecimento, João Paulo nunca mais teve crises e a conexão entre eles ficou marcada para sempre.

O segundo testemunho ocorreu no nascimento da filha Sheila, em 1998. Em uma consulta médica rotineira, Marcelo e Andrea, sua esposa, foram informados de que a pequena nasceria com as pernas arqueadas por conta de uma doença congênita. Também teria muito trabalho para aprender a andar normal-



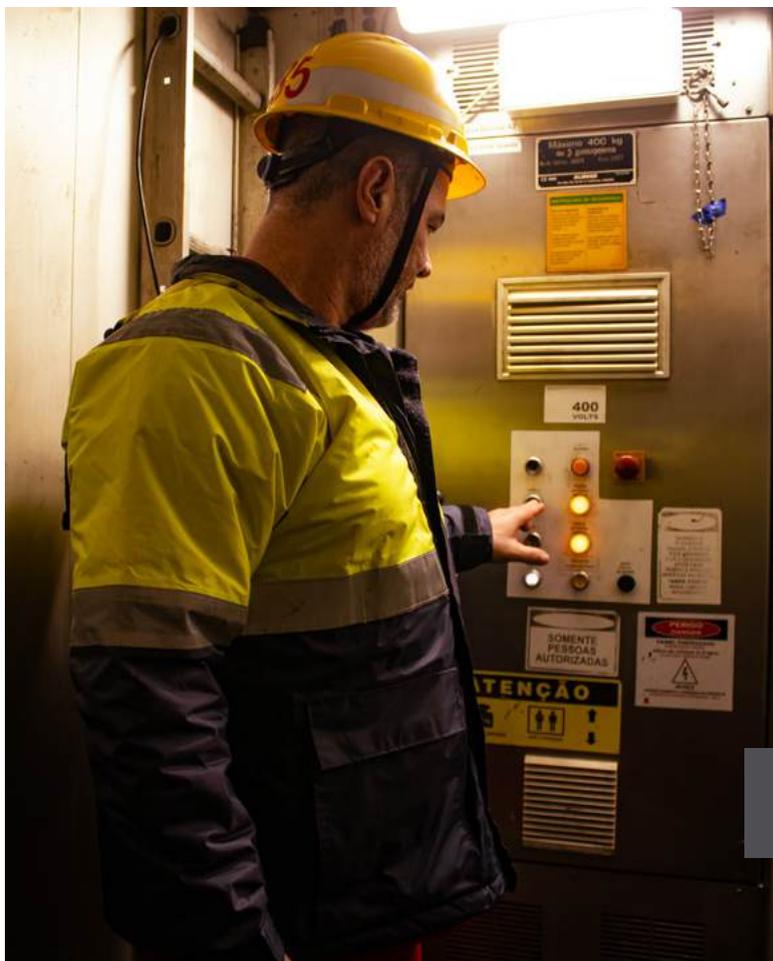


mente, além de que sequelas poderiam ser permanentes. Os pais ficaram cabisbaixos, pois era a primeira filha e esperavam pelo melhor, em poder vê-la crescer saudável. Nesse momento, Marcelo se distanciou da fé e parou de frequentar a igreja. Não conseguia compreender porque aquilo acontecia com ele.

Apesar das dúvidas sobre o Criador, não parou de orar. Dois meses após o diagnóstico, em mais uma ida ao médico, da mesma forma que o intenso calor do irmão sumiu, Sheila agora era um bebê totalmente saudável. Foi uma de suas maiores alegrias. Agradeceu imensamente a Deus e, assim, uma ovelha retornou à casa do Pai.

POV

Há momentos na vida em que desacreditamos de tudo e todos, inclusive perdemos a fé. Parece estarmos indo contra a correnteza e nos afogando em um mar de dúvidas e incertezas. Não consigo imaginar a sensação de Marcelo, somente quem é pai ou mãe é capaz de dizer, mas me coloco em seu lugar, e vejo, neste homem sorridente, alguém que já enfrentou inúmeras correntezas imprevisíveis da vida.



O terceiro testemunho ocorreu pouco antes da entrada de Marcelo na Portonave. Ele e o irmão do meio, Danilo, trabalhavam como operadores de equipamentos, mas a empresa faliu. Desempregados e do outro lado do rio, foram recomendados, por um amigo e ex-colega de trabalho, a buscarem vaga no Terminal, prestes a iniciar as operações em 2007. Na época, muitos duvidavam do potencial da Companhia, mas os irmãos não pensaram duas vezes e se candidataram ao novo negócio. Marcelo deixou o currículo no antigo escritório da empresa, localizado no Centro. Após alguns dias, foi chamado para realizar uma entrevista e, logo depois, os testes psicotécnicos.

Interior do elevador do STS



Por um telefonema, recebeu a notícia da contratação, porém, não como operador, mas como auxiliar, pois não alcançou nota suficiente nos testes. Sentiu um mix de emoções. Danilo também foi contratado no mesmo cargo. No decorrer do tempo, ambos poderiam crescer. Aceitaram a oferta, mas, por dentro, queriam ser operadores. Afinal, no antigo local, operavam empilhadeiras de contêineres. Marcelo fez até o curso pela Incatep, empresa que veio de Santos para ensinar os profissionais a operarem o equipamento. Naquela época, não havia cursos na região, então, decidiu apostar no alto investimento, até pegou empréstimo.

No entanto, quando a ligação encerrou:

— Filho, a última palavra é a de Deus. — ouviu em tom nítido.

Neste momento, soube que seria um operador da Portonave. Em instantes, ligou para Danilo:

— Me escute, eu e você vamos entrar como operadores na Portonave, acredite! — disse ao irmão.



Danilo ficou confuso e desacreditou. Então, no primeiro dia, o antigo Supervisor de Equipamentos conversou com eles, ficou sabendo das experiências passadas e reconheceu as habilidades de Marcelo. Ele perguntou: “Por que você vai ser auxiliar? Está bom pra ti se você começar com uma empilhadeira de vazio?”, disse em tom brincalhão. Ele confirmou e ali estendeu a mão e o parabenizou pela entrada. Danilo também foi contratado como operador. E, assim, a história deles iniciou na empresa.

Danilo compreendeu, depois, a ligação do irmão e os dizeres convictos. Em meses, ajudou muitos profissionais a aprenderem a operar o equipamento. Os irmãos fazem parte da primeira turma a marcar o início das operações da Portonave. Nesta turma, muitos amigos já conhecidos estavam presentes e estão ainda hoje.

Por meio de uma brincadeira associada às costeletas, recebeu o apelido de “Tigrão” de amigos e até hoje é conhecido assim na empresa. Danilo é o “Tigrinho”. Pela maioria, Marcelo é chamado de “Benção”, por conta de um hábito de também chamar os outros assim, o que faz jus à sua fé.

“Quando chamo alguém assim, profetizo isso de volta pra mim.”



POV

Estava impressionada com tantos testemunhos que sequer pude sentir sono em plena duas horas da manhã. Resolvi viver um pouco da rotina na madrugada, na cabine de um portêiner. Nela, havia um monitor de computador com a tela de bloqueio ligada, que demonstrava o horário. A cada olhar, o tempo parecia estar voando, sinal de que o papo estava bom.

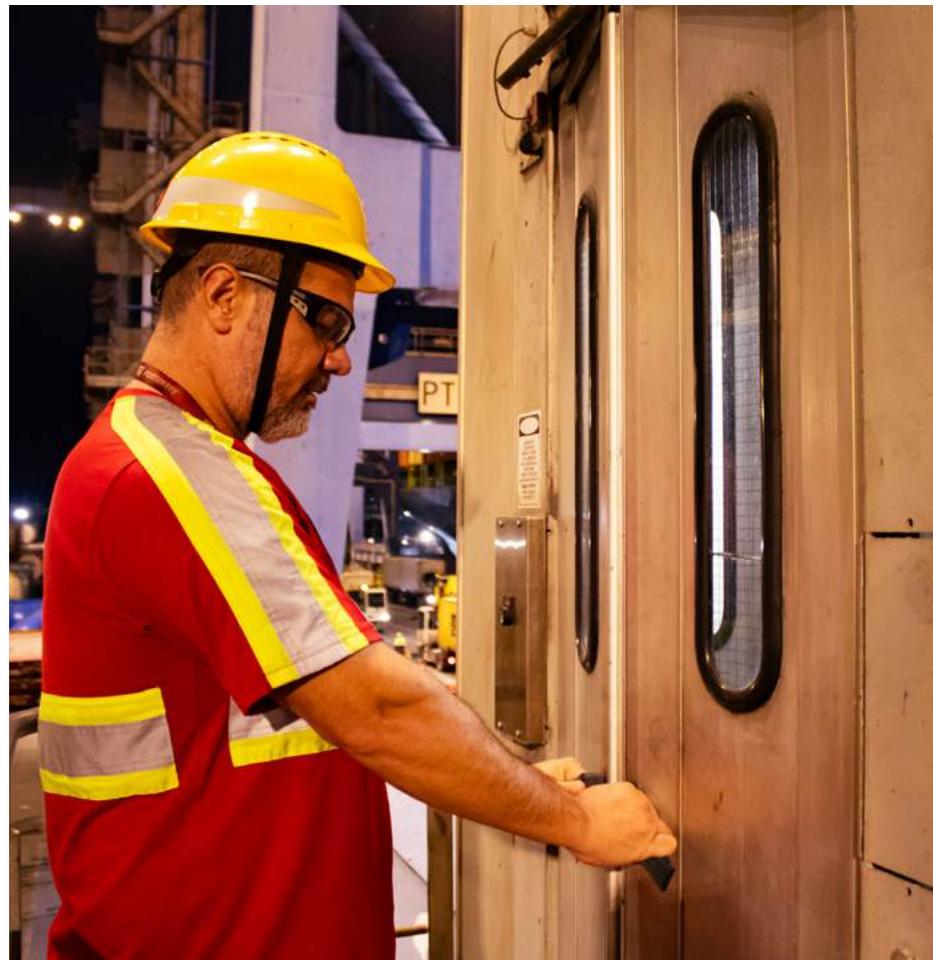
Depois de seis meses operando as Reach Stackers, Marcelo começou a operar os Rubber Tyred Gantry (RTGs), responsáveis pela movimentação dos contêineres nas pilhas do pátio. Em mais dois anos, em 2009, passou a operar os portêineres, que realizam o embarque e desembarque de contêineres diretamente dos navios. Atualmente, opera os portêineres, guindastes para movimentação de contêineres nos navios.

Marcelo trabalha como Operador de Equipamentos Sênior em três turnos alternados, das 7h às 15h, das 15h às 23h e das 23h às 7h, incluindo nos finais de semana e feriados. A cada semana, o turno muda e as equipes também. São quatro equipes, “A”, “B”, “C” e “D”. Ele faz parte da C e trabalha na escala 6x2. Conciliar vida pessoal e trabalho pode ser um desafio, às vezes, mas já se acostumou com a rotina. Para ele, o segredo é agradecer, pensar positivo e encontrar algo para lhe deixar ativo. No seu caso, a garrafa de café é companheira na madrugada. Além disso, frequenta diariamente a academia e busca manter uma dieta controlada a fim de ter disposição durante o dia. Existem dois Marcelos no serviço, um quando não treina e o outro quando se dedica às atividades físicas.



Enquanto grande parte da cidade dorme, o Terminal está na ativa. À noite, as luzes reluzem no rio Itajaí-Açu. Seja dia ou noite, no calor escaldante ou em meio à ventania, diversos trabalhadores portuários executam suas atividades. Os profissionais da Operação costumam chegar uma hora antes. Se Marcelo está no turno das 23h, precisa estar no topo do equipamento neste horário, entretanto, é necessário passar por um percurso até estar lá.

Ao chegar, por volta das 22h às 22h15, ele vai ao vestiário, coloca os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e, próximo ao relógio de ponto, confere as informações dispostas em uma TV para saber em qual equipamento irá operar naquele dia. Depois, passa pelo torniquete, que dá acesso à área alfandegada, e espera o ônibus, um procedimento obrigatório para os profissionais chegarem nos postos de trabalho com segurança.

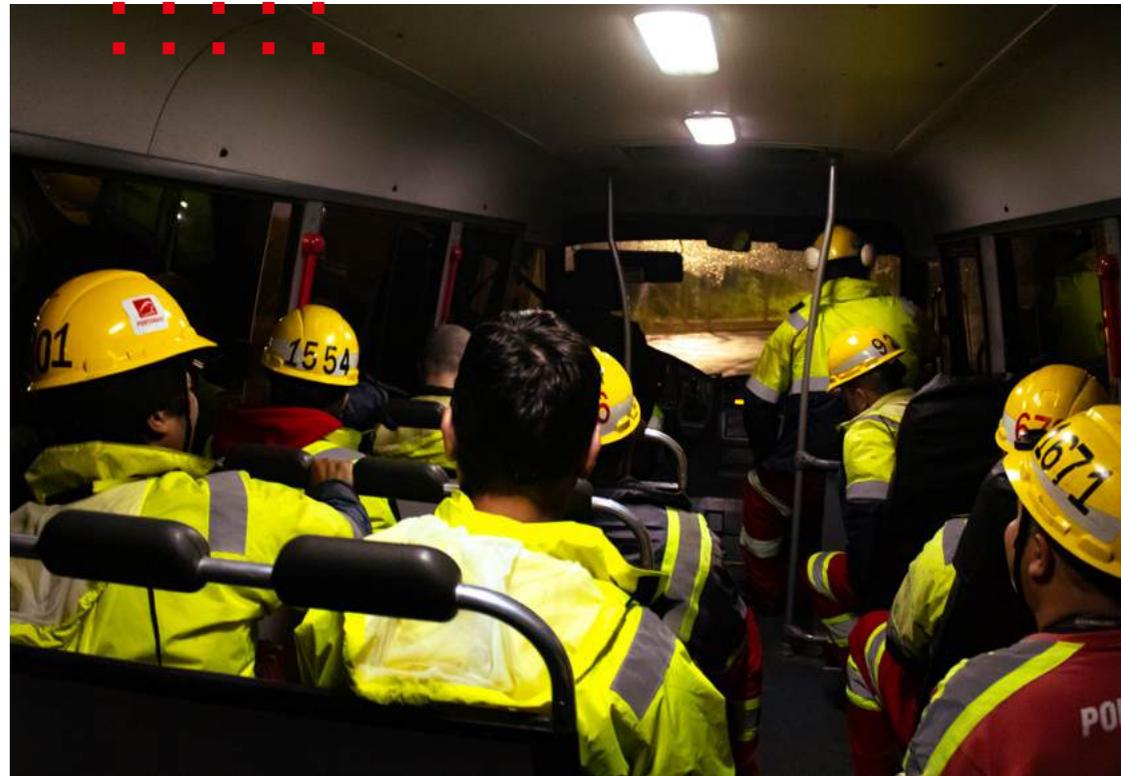


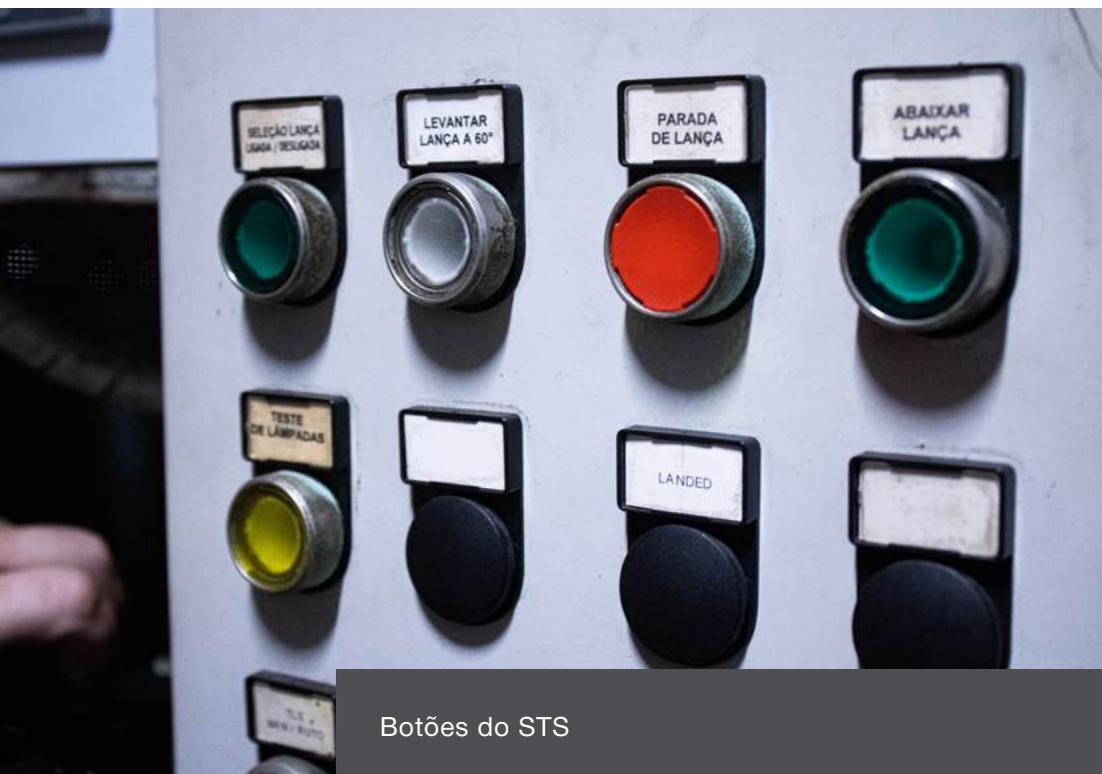
POV

Mesmo tarde da noite, o veículo sai lotado. É preciso de dois para levar toda turma. Ao acompanhá-lo, percebi que não era o único com energia contagiante. Seus colegas sorriam e soltavam risos em meio a conversas descontraídas no veículo de médio porte. O cenário era o oposto do esperado, de pessoas cansadas e em quietude.

Em outros momentos, andei no ônibus em manhãs e tardes, mas devo dizer que esta foi a turma mais animada dentre todas. Quando um profissional saía, alguém o saudava com “Bom trabalho!”. Foi bonito ver a união da equipe.

Em alguns minutos circulando pelas pilhas de contêineres, enfim, chega no costado e se depara com o gigantesco equipamento. Para se ter noção da altura, é maior do que o Cristo Redentor. Da base ao topo, quando a lança está levantada, equivale ao tamanho de três Cristos. O operador precisa subir dois lances de escada para chegar ao elevador e subir. Há também escadas, mas são utilizadas apenas em casos de emergência.



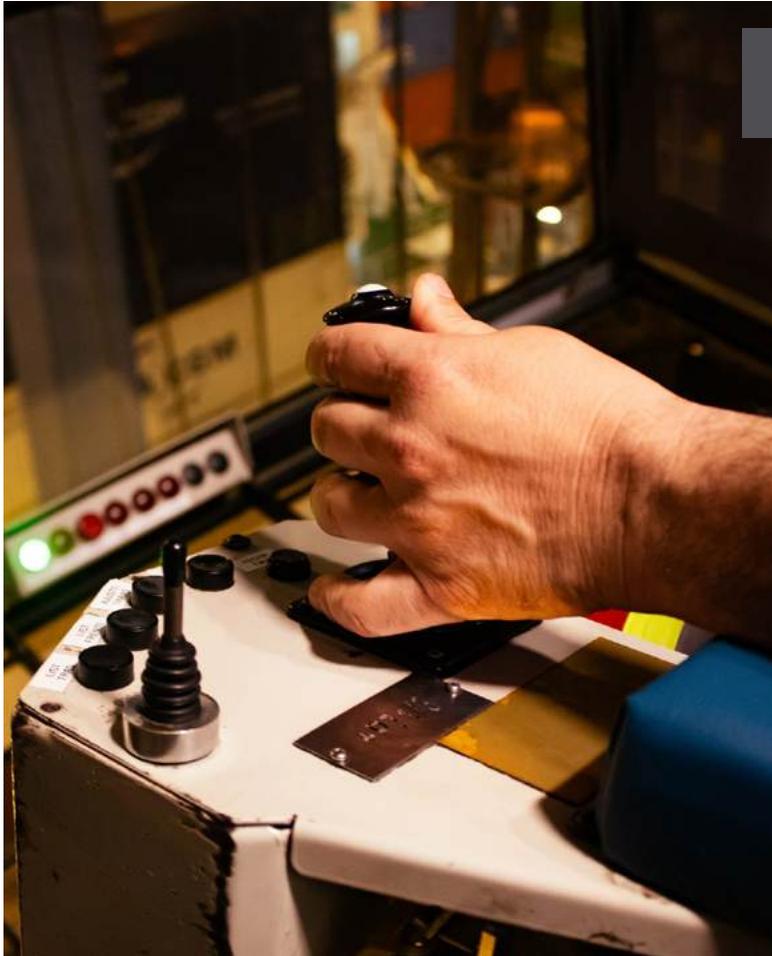


POV

Por meio de duas pequenas janelas do elevador, é possível visualizar o pátio de contêineres do Terminal. À medida que sobe, os imensos contêineres parecem meros blocos de montar. Pode assustar alguns, mas estar naquela altura me faz lembrar a magnitude do negócio da Portonave.

Em instantes, chega no andar da cabine dos operadores. O pequeno quadrado é o local onde tudo acontece. Por meio de uma cadeira com dois *joysticks*, toneladas embarcam e desembarcam nos navios. E como saber quais movimentos realizar? A cabine conta com uma tela com informações de quais contêineres devem ser movimentados, mas, por vezes, os operadores precisam do apoio de via rádio.

Enquanto movimenta as cargas, a cabine anda para frente e para trás a fim de alcançar todas as partes da embarcação, como o porão. Nele, ainda mais contêineres são armazenados.



Joystick do STS

O balanço e o som do movimento dos trilhos podem assustar os visitantes de primeira viagem, principalmente, pelo chão ser de vidro. Imagine trabalhar em um local alto com o chão de vidro. Não uma, mas cerca de cinco camadas de vidro super-resistentes e transparentes, com o objetivo de poderem ver e realizar o trabalho. Não é para qualquer um. Por dia, movimentam cerca de 160 contêineres. Em recorde pessoal e motivo de orgulho, Marcelo já movimentou 65 contêineres em uma hora. Ou seja, um movimento em menos de um minuto. Cada um pode conter 30 mil toneladas.

Além de contêineres, movimentou lanchas, peças de navios e motores. Muitas cargas especiais passaram na Portonave, como a operação de aeronaves, a roda gigante de Balneário Camboriú e a montanha-russa Fire Whip do Beto Carrero World. Mesmo depois de 16 anos, a profissão não deixou de ser emocionante e prazerosa. Apesar de ficar sete horas sozinho numa cabine, em momento algum se sente solitário. Por vezes, está em solidão, e aprecia os momentos em que está sozinho. Conversa com Deus e reflete sobre a vida.



POV

No decorrer da entrevista, me perguntava como ele conseguia trabalhar sozinho por tanto tempo na cabine, sem utilizar celular, e ainda em silêncio. Seu único meio de comunicação é o rádio para falar com a equipe. Os sons que o acompanhavam eram os dos trilhos do equipamento e os apitos das máquinas.

Nesse cenário de bons ventos, conquistou casa, carro, moto e condições melhores à família. Para ele, Portonave é sinônimo de amizade e companheirismo. Em 2008, a enchente demonstrou isso. A família de Marcelo perdeu muitas coisas. Por alguns dias, ficaram num abrigo no bairro Fazenda, quando Sheila tinha 10 anos. Segundo reportagens da época, mais de 14 mil pessoas ficaram em abrigos ou em casas de parentes por conta da catástrofe. No segundo dia no local, escutou vozes chamando-no: “Marcelo, Marcelo!”. Notou, então, que eram alguns colegas de trabalho. Perguntaram se a família precisava de algo. Muitos profissionais foram impactados pela catástrofe.



Com intuito de ajudá-los, o Terminal montou uma equipe de resgate. Diversas pessoas ligavam de hora em hora para verificar se estavam bem. Também distribuíram alimentos, cobertores e roupas. Aquele momento mexeu com Marcelo. E como se não bastasse, em 2011, novamente uma enchente atingiria a família Capistrano. Eram 20h da noite quando recebeu um telefonema do departamento de Recursos Humanos, informando que, se precisasse, disponibilizariam um caminhão com contêiner para guardar os pertences. E ele aceitou a oferta. Às 23h, o caminhão chegou e quatro profissionais ajudaram a família. Quando a enchente chegou, todas as coisas já tinham sido resgatadas e a família estava refugiada na casa do irmão João Paulo.

“Isso é algo que família faz por família.”

“Se me perguntarem, quem eu sou? Posso dizer: um operador de portêiner, mas não é isso. Sou Marcelo, filho de Deus.”



Agradecer a Deus e ser humilde, um hábito diário. Mesmo estando no alto, nos portêineres, segundo sua percepção, há alguém ainda maior observando. É mais do que lidar com máquinas, é trabalhar em sinergia com a equipe. Em seu crescimento, o Supervisor de Equipamentos da Portonave, David Raimundo da Silva, conhecido como Ceroll, e demais colegas de trabalho foram essenciais naqueles momentos de vulnerabilidade.

Há 26 anos, Marcelo é casado, contando com o apoio de Andrea, sua fonte de inspiração, sincera e disposta a fazer o bem. Sheila o fez pai e é um orgulho. Outra inspiração é o irmão Danilo. Há 20 anos, trabalham nos mesmos negócios. Porém, nem sempre a vida foi perfeita, assim como a de todos. Errar faz parte do processo, mas evoluir é necessário. Por muito tempo, se considerou um pai rígido e uma pessoa difícil, mas “Benção” ajudou Marcelo a ser uma pessoa melhor, a partir dos relacionamentos construídos ao longo dos anos e ensinamentos obtidos.

Para o futuro, pretende continuar fazendo o que ama, movimentar mais do que contêineres, buscando uma melhor versão de si todos os dias.

POV

A entrevista acabou por volta das 2h30. Em algumas horas, Marcelo me fez refletir sobre muitas coisas da vida. Enquanto retornava ao estacionamento do Porto, fiquei matutando nossa conversa. Na moto, de volta pra casa, me senti viva de poder experimentar uma rotina tão diferente, de conhecer novas pessoas e suas perspectivas. Tão viva que soltei um berro de alegria em uma das ruas. Não havia ninguém e estava tudo escuro. Ainda bem, porque poderiam pensar, “Quem é essa maluca?”. Inspirada em Marcelo, diria: “Sou Giovanna, uma jornalista por amor”.



PRELÚDIO DE UM SONHO

OSMARI DE CASTILHO RIBAS





Quem observa a Portonave, sua movimentação e os recordes operacionais, sequer pode imaginar as dificuldades que enfrentou e teve de superar ao longo dos anos. Atualmente, é um dos terminais portuários que mais movimenta contêineres no país, de acordo com dados da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), de 2024. Osmari de Castilho Ribas, atual Diretor-superintendente Administrativo, é um dos precursores dessa história de sucesso.

POV

Me dirigi à sala de Castilho. Ao chegar, suavemente, bati na porta já aberta e, num sorriso de orelha a orelha, o diretor me recebeu com um abraço e, como de costume, me chamou de dona Giovanna, seguido de “bom dia” em tom alegre.

Eram 10h da manhã. O sol brilhava intenso e os raios adentravam em boa parte do escritório através das janelas com persianas abertas. Na sala, à esquerda ao entrar, além da escrivaninha de madeira, havia uma mesa redonda com quatro cadeiras pretas giratórias, onde nos acomodamos para iniciar a conversa.



Chegada dos primeiros STSs no Terminal, em 2008

Apesar do cargo executivo, Castilho raramente está engravata-do, somente nos momentos solenes. Seu carisma é perceptível no modo de agir e vestir. É comum vê-lo de uniforme dos profissionais da Operação, Manutenção ou Iceport. Literalmente, ele veste a camiseta da empresa. Também é muito acessível, cumprimenta a todos. Com frequência, almoça no restaurante da Portonave da junto aos demais profissionais. Para ele, não há distinção hierárquica. Todos estão juntos em uma mesma missão: movimentar mais do que contêineres.

A estruturação do Terminal Portuário teve impacto transforma-dor e alavancou diversos setores da cadeia logística de trans-porte e armazenagem de cargas. Impulsionou Navegantes a subir oito posições no ranking do PIB de Santa Catarina. A cidade é o 15º maior PIB do estado, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2021. Hoje, aos 64 anos, Castilho se sente realizado por ter colabo-rado para a história da Portonave e o crescimento da região. Se orgulha de acompanhar a evolução, não só da Companhia, bem como de toda cadeia logística.



“Foi gratificante ter visto a dedicação dos profissionais em fazer o negócio acontecer.”

Ao longo da jornada, Castilho teve lições valiosas. Uma delas se destacou: a importância de ser disruptivo, como, por exemplo, na forma de encarar a mão de obra. Em vez de adotar o tradicional sistema de trabalhadores portuários avulsos, optaram por investir na formação direta de profissionais. O vasto universo portuário era um território desconhecido pela maioria das pessoas da região. No entanto, acreditou no poder da aprendizagem e incentivou a capacitação, colaborando na criação de equipes qualificadas e com senso de pertencimento e união, como se fosse uma família.

“Minha maior conquista reside nos profissionais que temos hoje, unidos por um autêntico espírito de equipe.”





POV

Sua disrupção cooperou no desenrolar de muitas histórias, seja a de Ana, Fritznel, Leticia, Silmara, Marcelo e dos mais de 1,2 mil profissionais. O Terminal Portuário não apenas uniu colegas, mas formou famílias e amizades além do trabalho.



Mas quais são as origens deste homem? Forjado pelos pais, Castilho nasceu na pequena cidade da Lapa, no coração do interior do Paraná, com 45 mil habitantes, segundo o IBGE, em 2022. A trajetória foi moldada por raízes humildes da família. A mãe, dona Terezinha, gerou cinco filhos: quatro homens e uma mulher. Entre eles, o diretor da Portonave é o segundo mais velho. Todos foram nomeados com a letra “O”, do mais velho ao mais novo: Osni, Osmari, Osnéia, Osmar e Ocimar, uma homenagem ao pai Ozório.

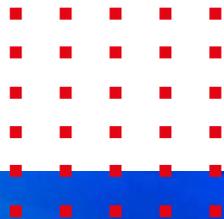
O pai, um militar dedicado, liderava a família numa jornada que os levava a mudanças com frequência, atravessando cidades de norte a sul, de leste a oeste, por todo o vasto território brasileiro. Residiram no Mato Grosso e em Minas Gerais. Quando Castilho tinha 15 anos, finalmente encontraram um lar estável em Curitiba. A cidade paranaense tornou-se cenário onde daria os primeiros passos rumo ao ensino médio. Nessa fase crucial da vida, construiu as bases de um futuro brilhante junto à família, e compartilhava amor, resiliência e a vontade de vencer.

Mesmo com endereço fixo, seu Ozório raramente encontrava descanso na própria casa. Inúmeras vezes, era convocado para missões pelo país. No entanto, na folga dos finais de semana, fazia questão de estar perto da família. Dona Terezinha era o alicerce da família. Após a partida prematura do pai, por conta de um acidente doméstico, foi ela quem permaneceu ao lado dos filhos, como o coração do lar. Porém, há anos, ela lutava contra um câncer de estômago, mas sempre fora uma mulher resiliente e otimista. Nos bastidores deste homem, repousa a figura dessa mãe extraordinária.

“Ela sempre via o melhor lado da vida e apenas sorria.”







POV

No meio das lembranças, Castilho se emociona. Os olhos, agora com lágrimas, e a voz trêmula são testemunhas do amor que nutria pela mãezinha. Era a primeira vez que eu o via chorar. Grande parte do tempo, se mostra tão firme e inabalável, assim como imaginamos ser um porta-voz de uma grande empresa como a Portonave. No entanto, por vezes, esquecemos que são pessoas comuns como quaisquer outras.

Ver suas lágrimas revelou-me uma faceta ainda mais humana. Como disse o poeta Mário Quintana: “Chorar é lindo, pois cada lágrima no rosto são palavras ditas de um sentimento calado”. O choro alivia a dor, o remorso e consola a perda, além de representar nossa humanidade. Assim a alma evolui e o espírito renasce.

Se desculpou, mas eu disse para não se preocupar. Pude ouvir o som dos soluços contidos, o que, com certeza, ficará marcado para mim. Em seguida, pediu licença e se dirigiu ao banheiro e fechou a porta.

Em poucos minutos, a porta se abriu, e ele voltou a se sentar com um pedaço de papel toalha na mão e o utilizou para enxugar os últimos vestígios de lágrimas no rosto.



Castilho na 12ª Corrida de Praia de Navegantes - Portonave

Por incentivo dos pais, Castilho ingressou no curso de Economia na Faculdade Católica de Administração e Economia, em 1977. Movido pela determinação e dedicando-se, de corpo e alma, aos estudos, foi o primeiro a se graduar entre os irmãos. Nesse período, conheceu Lucimeri. Frequentemente, se viam pelos eventos da cidade, com aquelas trocas de olhares, até se aproximarem e se apaixonarem.

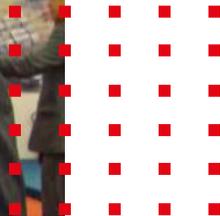
Pouco meses depois de se formar, ele teve uma oportunidade de emprego no interior do Rio Grande Sul, em Santa Cruz do Sul, na Ivaí Engenharia de Obras S/A, empresa voltada para construção de obras de grande porte, como estradas. Aos 22 anos, saiu de casa e trabalhou lá. Após cinco anos, se mudou para Itá e depois para Rio Grande, no Rio Grande do Sul, com objetivo de participar do projeto de duplicação do pátio de contêineres do porto. Foi a primeira vez próximo do segmento em que atua hoje. Passou ainda pelo Rio de Janeiro e São Paulo por outra empresa. Apesar das mudanças, o relacionamento com Lucimeri seguiu forte por meio de cartas e ligações em cabines telefônicas.

O casal se estabeleceu em Curitiba para Lucimeri ter uma carreira próspera na cidade, e ainda hoje trabalha como servidora da Justiça do Trabalho. Castilho continuou a viajar pelo Brasil a trabalho, semelhante à rotina do pai. Aos 30 anos, teve o primeiro filho, Henrique. Dois anos mais tarde, foi a vez da pequena Thais iluminar a vida do casal. A cidade não era apenas o local de trabalho, mas também onde sonhavam em construir um futuro cheio de oportunidades para os filhos.

À medida que as crianças cresciam, a família teve que se adaptar e moldar a rotina por conta das necessidades dos pequenos. À distância, as ligações diárias pelo telefone fixo se tornaram uma ponte de amor e conexão com o pai ausente de segunda a sexta-feira. Nos fins de semana, raros e sagrados momentos de reunião eram preenchidos com risos, abraços e histórias compartilhadas. Cada segundo juntos era um tesouro a ser guardado no coração.

Em 2001, o telefone tocou, trazendo consigo uma voz familiar e carregada de significado: Carlo Alberto Bottarelli, Diretor da Ivaí Engenharia de Obras S/A na época. Ele já havia cruzado caminho com Castilho. Aquele telefonema foi muito mais do que uma chamada, foi um elo com o passado para uma oportunidade de ouro.

Bottarelli apresentou o projeto da Portonave Castilho. Na época, tinha 42 anos. Ficou feliz com a proposta e embarcou no desafio de estruturar o primeiro terminal portuário privado do país na pequena cidade de Navegantes, como Diretor-Superintendente Administrativo, junto a Bottarelli e o idealizador Agostinho Leão.



Ponta da Divineia, local onde a Portonave foi construída do zero



POV

O episódio me revelou como as relações e experiências passadas podem, de repente, desdobrar-se em oportunidades transformadoras. Somos formados por uma teia de conexões.

Laços são a força, o suporte e o amparo quando tropeçamos e a inspiração que nos guia quando perdemos o rumo. Cada pessoa que conhecemos, cada amizade construída, cada conexão estabelecida, em algum momento, pode gerar aprendizados e oportunidades únicas.

Pode ser um familiar, amigo, colega de trabalho ou qualquer outro conhecido, todo laço pode resultar em eventos inesperados no curso da vida. E você? Quais são os seus laços?

Na época, Castilho não conhecia o município, então, veio fazer uma visita com a família. O filho Henrique tinha 12 anos e Thais 10 anos. De carro, passearam pela cidade de várias fazendas. No ferry-boat, visualizou um enorme terreno que, literalmente, coberto de mato, onde seria construída a empresa, a partir de um projeto *greenfield*, ou seja, do a partir do zero.

O grande desafio começou para Castilho, principalmente, pelo fato de não haver legislações claras sobre os terminais portuário privados, além de uma resistência de alguns setores. Muitos não acreditavam no potencial do projeto, ainda mais pelo outro lado do rio, na cidade de Itajaí, já possuir um porto. Em setembro de 2001, o contrato de adesão com o Ministério dos Transportes foi assinado, o que habilitou a empresa como operador portuário de um Terminal de Uso Privativo (TUP). As operações da Companhia começaram em 2007. Eram cerca de 230 profissionais diretos. Juntos, operaram o primeiro navio, o MSC Uruguay.

No entanto, a enchente de 2008 deixou uma marca na Portonave. As operações do Complexo Portuário de Itajaí e Navegantes, que os profissionais tanto se esforçaram para fortalecer e expandir, foram reduzidas drasticamente. O rio, outrora profundo com seus 11 metros de capacidade, viu-se reduzido a sete metros, permitindo apenas a entrada de navios de pequeno porte. E o berço de atracação de Itajaí foi severamente danificado pela força das águas.

Naquele momento, a resiliência e a determinação reluziram. Prevaleceram o espírito humano e a vontade dos profissionais em reconstruir. Foi nesse cenário desafiador que o Terminal mobilizou uma equipe de resgate na região, dedicada a assegurar a segurança dos profissionais. No momento crítico, as equipes uniram-se com uma força ainda maior, apoiando-se mutuamente.

“A situação difícil nos tornou ainda mais forte. Afinal, como diz o ditado, mar calmo não faz bom marinheiro.”

Ao longo da carreira, Castilho foi reconhecido por notáveis conquistas. A sala é um testemunho dessa trajetória, adornada com certificados e prêmios. Entre os quadros de turmas formadas, dispostos em estantes, estão lembranças da atuação como professor de pós-graduação em universidades da região, como a Univali e o Sinergia. Um trabalho proveitoso, que tinha contato com os novos profissionais da área portuária e de logística.

POV

Não são apenas representações de uma trajetória de sucesso, mas evidenciam o profundo carinho nutrido por cada uma delas. Ocupam lugar de destaque, bem próximas à mesa, em cima de três armários. Além dos reconhecimentos em papel e metal, há uma estante com canecas de diversas instituições e ocasiões especiais, como os dez anos de aniversário da Portonave. Representam lembranças dos triunfos conquistados por Castilho, mas também inspiram sentimentos de admiração e respeito nos profissionais que visitam a sala.



No escritório, há uma pequena bandeira do time do coração, o Coritiba F. C. Além de diretor, Castilho foi jogador de futebol amador. Desde criança, gosta do esporte e chegou a competir oficialmente pelo antigo Colorado E. C., atualmente Paraná Clube, na categoria juvenil. Mesmo após sua saída do time, continuou a jogar em campeonatos amadores e na faculdade. O gosto começou nas pequenas cidades em que se mudava com frequência por conta do serviço do pai.

Um dos passatempos era o futebol com os amigos na rua e em campinhos improvisados. Atualmente, apenas acompanha as partidas de futebol pela televisão e estádios. Seu esporte atual é a corrida e participa de provas na região, inclusive com seu filho, Henrique. De vez em quando, é possível encontrá-lo correndo nas praias e nos parques. Além de estudar assuntos relacionados ao segmento portuário.

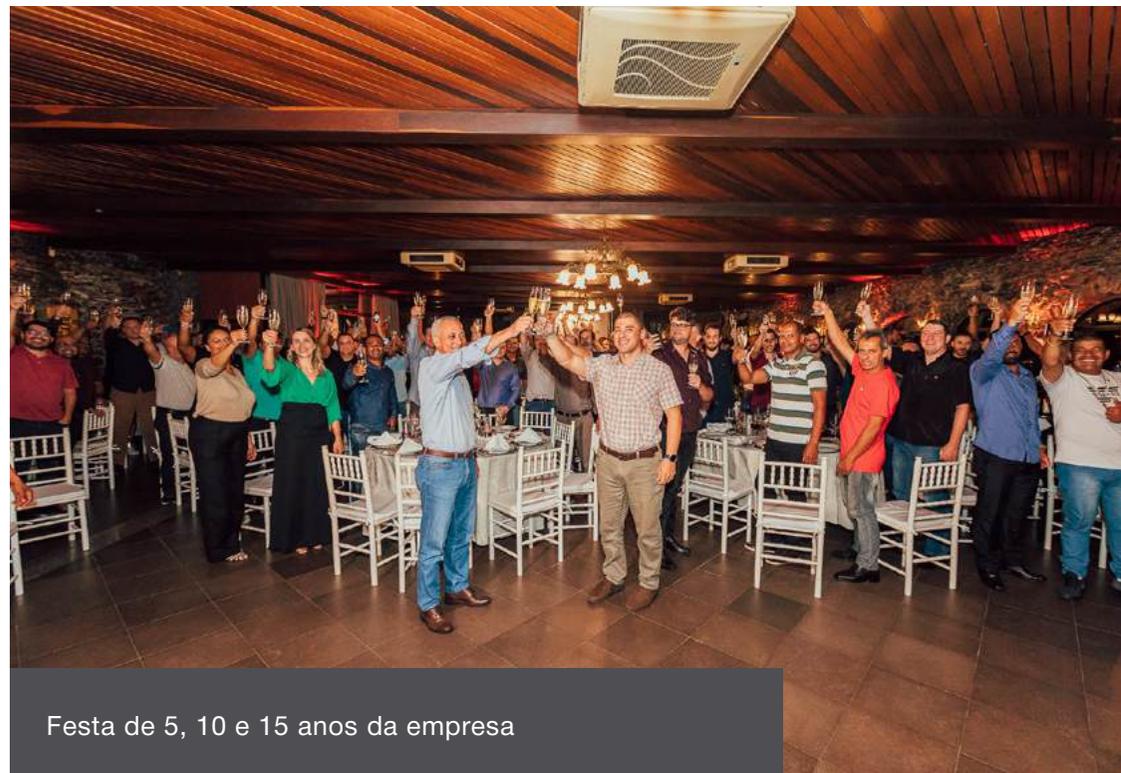
POV

Ao ouvir sobre os planos atuais, me perguntava, como é possível uma pessoa dessa idade e com tantos feitos não parar? A resposta deve ser muito amor pelo que faz. Do início ao fim da nossa conversa, gesticulava com as mãos de um lado para o outro, demonstrando entusiasmo. Disposto a ouvir quem precisa, mesmo com uma agenda cheia. Enquanto estávamos na sala, o telefone tocou duas vezes, demonstrando mais serviço a fazer, mas ele estava ali, feliz em poder compartilhar as experiências.

Apesar de tantos reconhecimentos, jamais deixou de ser humilde e lembra do mais importante, a família. Possui uma foto mais recente em sua mesa, dos filhos crescidos. Henrique e Thais são adultos com vidas encaminhadas. Ambos casados, trilharam seus caminhos e ele fica muito contente por isto.

Não só se orgulha dos filhos, mas também dos pais, e lhes agradece por terem mostrado os caminhos da vida. Sem dúvida, devem estar tão orgulhosos quanto Castilho, vendo o que conseguiu construir. O pequeno jogador de futebol nas cidades também pequenas, hoje, colaborou para a consolidação da Portonave, sua segunda família.

“Entre tantas coisas, minha verdadeira paixão é a família. É o que me move todos os dias.”





EPÍLOGO

*Movimentamos mais
do que contêineres*

*Movimento navios, contêineres e cargas, mas, muito além disso,
são vidas que movimentam tudo isso.*

Vidas de diversos tipos, trejeitos e hábitos.

Cada uma com histórias únicas vividas junto de mim.

Isso me enche de orgulho.

Estas são apenas uma pequena parte do meu todo.

A cada dia, novas são escritas.

*Que possamos continuar preservando pelo que mais importa, o bem
mais precioso e minha alma, ou sejam, aqueles ao meu entorno.*

*Sejam profissionais ou não. Pessoas que cruzam o rio e, ali, me admiram
ou que fazem seus negócios por meio de mim.*

Agradeço a todos, do fundo de minha operação e do meu coração.

Vocês fazem os meus batimentos pulsarem nas grandes máquinas.

Os navios chegam e as cargas seguem seus rumos.

No entanto, um punhado de asfalto e aço não se move sozinho.

*Sou fruto de muitas mãos, de diversos tamanhos, tons de pele,
calejadas, pintadas, cada um com suas especificidades.*

Elas dão vida ao meu ser.

Seja em cada contêiner apeado e desapeado nas embarcações.

Cada caminhão liberado.

Cada produto armazenado

Cada reparo feito.

Cada procedimento revisto.

E em cada EPI vestido.

O sol dá várias voltas.

*O alvorecer chega, e eu me pergunto, quem mais irá fazer parte
dessa história?*

Talvez, você? O futuro não posso dizer, mas estarei de portas abertas.

Juntos, movimentamos mais do que contêineres.

Transformamos vidas!

Glossário

O segmento portuário possui termos e expressões próprias que estão presentes no cotidiano das operações da Portonave. Confira a seguir, algumas delas:

APEAR/DESAPEAR: ação de amarrar um contêiner a um navio. Alguns contêineres devem ser apeados, a depender da localização no navio. Para isso, os profissionais sobem na embarcação. Desapear significa, portanto, desamarar a fim de que o contêiner realize o desembarque.

ANTECÂMARA: local em que os profissionais carregam e descarregam caminhões com paletes com produtos congelados na Iceport. O ambiente fica em uma temperatura de 0°C a 15°C.

BERÇO DE ATRACAÇÃO: local onde o navio atraca para operações.

CÂMARA FRIGORÍFICA: onde produtos congelados são armazenados em temperatura de até -20°C. Nela, a atividade humana é restrita. Funciona principalmente por meio de um sistema automatizado que armazena os paletes.

CONTÊINER REEFER: contêineres brancos utilizados para armazenagem de cargas com temperatura controlada.

EMPILHADEIRA DE VAZIO: empilhadeira destinada às movimentações de contêineres vazios, sem carga.

EPI: Equipamentos de Proteção Individual, como capacete, uniforme refletivo, óculos de proteção, protetor auricular e sapatos de borracha.

EXPORTAÇÃO: saída de produtos, bens e serviços nacionais para outros países.

GATE: local de acesso por onde passam os caminhões para embarque e desembarque de contêineres no pátio do Terminal.

IMPORTAÇÃO: entrada de produtos, bens e serviços de outros países.

PORTÊINER POST PANAMAX (STS): guindaste que faz o movimento do contêiner do caminhão para o navio e vice-versa, o que traz agilidade às operações.

REACH STACKER (RS): empilhadeiras destinadas às movimentações de contêineres cheios, com cargas, no pátio de contêineres.

RUBBER TYRED GANTRY (RTG): guindaste que faz o movimento do contêiner do caminhão para a pilha no pátio e vice-versa. Percorre grande parte do pátio, o que facilita a armazenagem.

TEU: unidade de medida equivalente a um contêiner de 20 pés de comprimento (6 metros). Há vários tipos de contêineres, como o de 40 pés, por este motivo utiliza-se esta métrica.

TERMINAL TRACTOR (TT): carreta voltada às movimentações de contêineres entre o cais e as pilhas e vice-versa.

TRANSPALETEIRA: veículo voltado para o manuseio de paletes.



Sobre a autora

Sou Giovanna Pegoraro, criada em Navegantes, cidade pela qual tenho grande carinho. Ainda pequena, ouvia muito sobre a Portonave e me encantava com suas histórias. Em 2023, me formei como jornalista pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), e trabalho por amor à profissão. Comecei como Estagiária no Terminal Portuário, em 2021, no departamento de Comunicação, Marketing e Responsabilidade Social. Após um ano, fui efetivada. Em 2024, iniciei MBA em Comunicação Empresarial pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) e Fundação Getúlio Vargas (FGV).



Entrevistados

Agradeço a todos que doaram um pouco do seu tempo para, juntos, contarmos essas histórias.

Ana Paula Martins de Souza

Fritznel Jean

Marcelo Capistrano

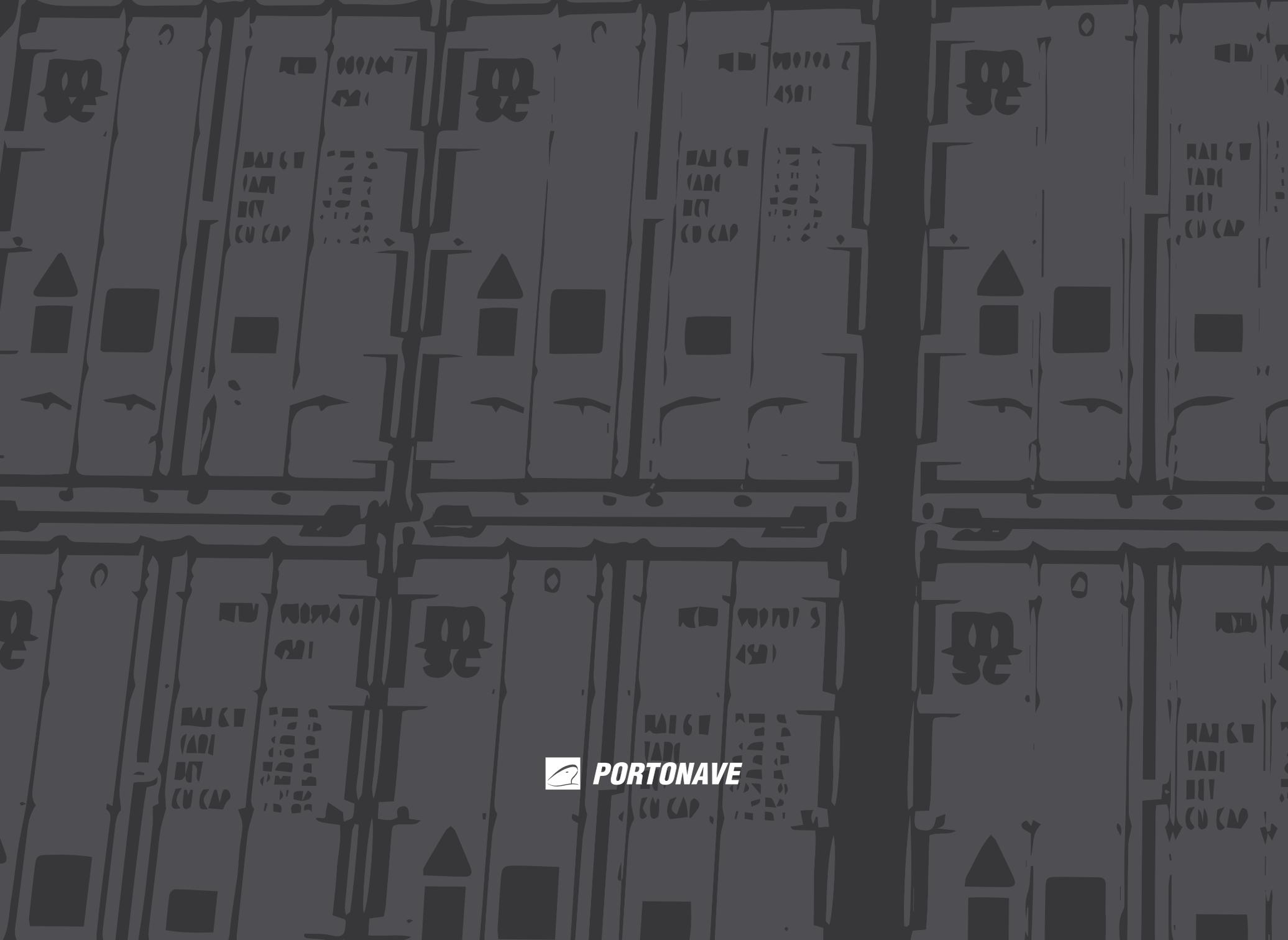
Letícia Paulina Schumacher

Silmara da Silva de Azevedo

Osmari de Castilho Ribas

Referências

- **AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS.** ANTAQ divulga levantamento sobre equidade de gênero no setor aquaviário. 2023.
Disponível em: <https://www.gov.br/antag/pt-br/noticias/2023/antag-divulga-levantamento-sobre-equidade-de-genero-no-setor-aquaviario>
- **AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES AQUAVIÁRIOS.** Sistema de Estatísticas Aquaviárias. 2024.
Disponível em: <https://web3.antag.gov.br/ea/sense/index.html#pt>
- **GLOBO.** Forte terremoto atinge o Haiti. 2010.
Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL144427-5602,00-FORTE+TERREMOTO+ATINGE+O+HAITI.html>
- **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** Panorama de Navegantes (SC).
Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/navegantes/panorama>
- **MADE-USP.** Custo da maternidade no Brasil: as múltiplas consequências do trabalho de cuidado não remunerado realizado por mulheres. 2024.
Disponível em: <https://madeusp.com.br/publicacoes/artigos/npe-51-custo-da-maternidade-no-brasil-as-multiplas-consequencias-do-trabalho-de-cuidado-nao-remunerado-realizado-por-mulheres/>
- **MINISTÉRIO DA SAÚDE.** No Dia Internacional de Luta pela Saúde da Mulher, Ministério da Saúde reforça compromisso em garantir equidade e redução da mortalidade materna. 2023.
Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/no-dia-internacional-de-luta-pela-saude-da-mulher-ministerio-da-saude-reforca-compromisso-em-garantir-equidade-e-reducao-da-mortalidade-materna>
- **MINISTÉRIO DA JUSTIÇA.** Refúgio em números e publicações. 2024.
Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes>
- **TERMINAL INVESTMENT LIMITED.** TIL Group. 2024.
Disponível em: <https://tilgroup.com/>



PORTONAVE



MS
SE

NEW 00005)
(52)

MAI CW
TARC
HEI
CU CAP

MS
SE

NEW 00070)
(52)

MAI CW
TARC
HEI
CU CAP

MS
SE

NEW 00010)
(52)

MAI CW
TARC
HEI
CU CAP

MS
SE

NEW 00010)
(52)

MAI CW
TARC
HEI
CU CAP



Entre as margens do Rio-Itajaí-Açu, no Complexo Portuário de Itajaí e Navegantes, está situado o primeiro terminal portuário privado do Brasil: a Portonave, local de inúmeros acontecimentos protagonizados por profissionais com trajetórias transformadas e desafios superados.

Neste livro-reportagem, intitulado de “Vidas além do Porto”, estão reunidos relatos de seis profissionais – Ana, Fritznel, Letícia, Silmara, Marcelo e Castilho. Eles representam algumas trajetórias de vida dentre as mais de 1,2 mil que trabalham na empresa.

Embarque nesta leitura e mergulhe nestes relatos humanos e inspiradores, repletos de fé, paixão e esperança. Descubra o verdadeiro coração da Companhia, moldado por pessoas que, todos os dias, se dedicam no terminal que movimenta mais do que contêineres.